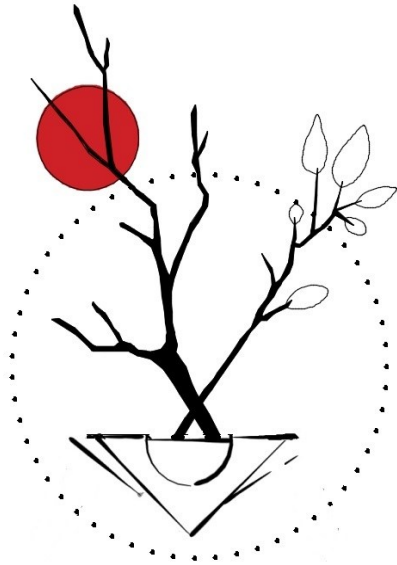


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
MARYELEN LUMI BABATA

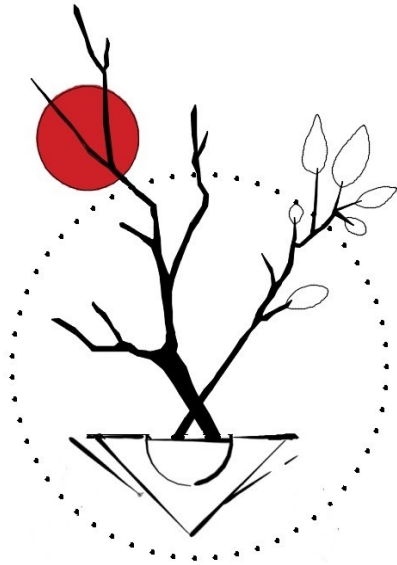


CENTRO CULTURAL DA IMIGRAÇÃO JAPONESA

Uberlândia - MG
Dezembro de 2017

MARYELEN LUMI BABATA

CENTRO CULTURAL DA IMIGRAÇÃO JAPONESA



Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

Orientadora: Prof. Dra. Albenise Laverde.

Uberlândia - MG
Dezembro de 2017

“Avante, companheiros, além mar,
Ao Brasil, terra prometida,
Fazei brilhar a luz do Japão!”
Canção do imigrante

“A tradição é um desafio à inovação.”
Álvaro Siza

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - IMIGRAÇÃO NO BRASIL	15
CAPÍTULO 2 - HERANÇAS JAPONESAS	23
CAPÍTULO 3 - SOBRE PRESIDENTE PRUDENTE	33
CAPÍTULO 4 - ESTUDOS E DIAGNÓSTICOS	45
CAPÍTULO 5 - PROPOSTA DE PROJETO	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	95

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, após a abolição da escravidão, muitas pessoas de outros países vieram para o Brasil procurando trabalho e oportunidades melhores de vida. A maioria desses imigrantes eram inicialmente europeus que vinham trabalhar nas lavouras de café, substituindo a mão de obra negra. Nesse mesmo período, o Japão era um país superpovoado e que após a reforma agrária no início da Era Meiji¹, apresentava inúmeros camponeses desempregados que ocupavam as cidades com uma vida precária. Então, com a necessidade de mão de obra nas terras brasileiras e com o incentivo do governo japonês em emigrar seus habitantes, o Brasil firmou acordos com o país oriental para recebê-los (SHICASHO, 2013).

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram no Brasil em 1908, porém esse fluxo migratório aumentou com as grandes guerras mundiais e estima-se que, no período de 1918 a 1940, aproximadamente 160 mil japoneses desembarcaram nos portos brasileiros². A maioria dos imigrantes se fixaram no estado de São Paulo onde já existiam colônias japonesas, mas ainda assim tiveram muitas dificuldades para se habituar com o novo lar.

Dessa forma, os imigrantes se concentravam e se reuniam em núcleos de convivência formando associações que procuravam sempre manter e repassar para seus herdeiros as tradições do Japão. Essas associações garantiram que esses costumes e valores se mantivessem na essência da identidade cultural dos japoneses e de seus descendentes (SOUSA, 2007).

Com a vontade de conquistar mais independência e se tornarem os donos da terra ao invés de

1 Considerada a primeira fase do Imperialismo, a Era Meiji durou aproximadamente 45 anos no Japão (1867-1912). Esse período representou um importante desenvolvimento do país, que deixou o sistema feudal, abrindo os portos e fortalecendo relações internacionais. Com esse avanço da modernização, o processo de urbanização acelerou, povoando muito o país.

2 Ver no site Sua Pesquisa. Disponível em http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/imigracao_japonesa. Acessado em 25/05/2017.

colonos nas fazendas, os japoneses passaram a ocupar o interior do estado paulista sendo atraídos para diversas regiões. É importante destacar que essa conquista do primeiro lote rural só foi obtida depois de muito tempo de trabalho e de forma gradual, pois chegaram como colonos, passando para arrendatários, pequenos sitiantes, comerciantes, etc. (SOUSA, 2007).

Então, com essa expansão em direção ao oeste do estado, a estrutura fundiária da região da **Alta Sorocabana** (Figura 01) dinamizou o trabalho autônomo do imigrante, além de possibilitar que eles adquirissem a posse da terra. Com isso, o espaço urbano de Presidente Prudente, que estava em crescente desenvolvimento, atraiu muitos nipônicos que buscavam essa independência e, além disso, a criação de uma associação cultural e esportiva ajudou o imigrante a se enraizar nessa região.

Inicialmente denominada Associação Japonesa Unidas de Presidente Prudente Rengo Nihonjinkai, a atual ACAE (Associação Cultural Agrícola Esportiva) foi fundada no final da década de 20. A partir de ideias que surgiam em encontros e reuniões dos imigrantes japoneses, foi identificada a necessidade de um local que desse apoio para os estudantes, pois eles se preocupavam muito com a educação de seus filhos.

Dessa forma, na época, Kametaro Morishita foi à São Paulo buscar recursos no consulado japonês e retornou com seu pedido aprovado. Desde então, a ACAE prosperou bastante e até nos dias de hoje são oferecidas atividades para a população de Presidente Prudente (SHICASHO, 2013).

Atualmente, a associação é mantida com uma contribuição mensal dos associados e com muitos voluntários. No esporte, o beisebol ganhou muito destaque, uma vez que os atletas que treinam na associação participam de competições, conquistando vários títulos que dão grande reconhecimento para a ACAE.

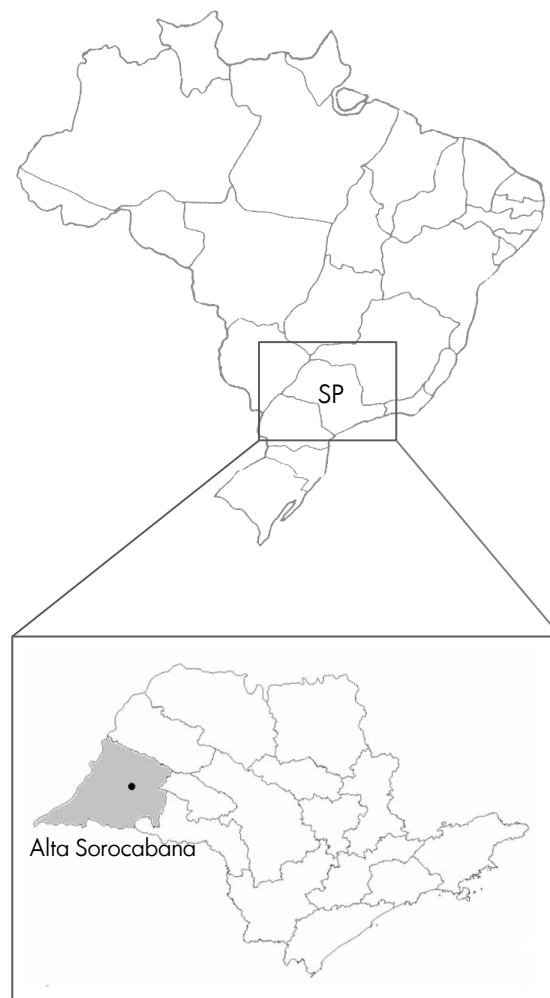


Figura 01 - Região da Alta Sorocabana.
Fonte: IBGE; Adaptado pela Autora, 2017.

A associação ainda funciona na sua construção inicial, no centro da cidade, e oferece também um clube de campo no setor sudoeste urbano (Figura 02).

Procurando manter e melhorar os serviços já oferecidos pela ACAE, este trabalho tem como objetivo explorar a área do clube de campo da associação, com a intenção de propor um centro cultural que busque reforçar as atividades que já são desenvolvidas e incentivar a criação de novas oficinas que resgatem costumes, hábitos e tradições da cultura japonesa.

Vale ressaltar que a intenção ao propor esse espaço é preservar a história dos imigrantes japoneses, uma vez que foi identificada uma frustração por parte deles ao perceber que seus descendentes estão perdendo interesse em dar continuidade nas suas atividades, além de estarem se miscigenando com outras culturas e abandonando sua essência. Por isso, é importante entender que o foco do trabalho não é criticar a miscigenação de culturas, pelo contrário, a intenção é demonstrar que a partir de meios específicos, a mistura pode ser interessante e capaz de manter a essência da sua origem, afinal, o Brasil se tornou lar de inúmeras nacionalidades e é totalmente válida toda a troca de experiências.

Sendo assim, o propósito é criar espaços que além de cultura e entretenimento, proporcionem também uma transformação no seu público. A intenção é construir um diálogo entre o passado, o presente e o futuro, respeitando toda a trajetória dos imigrantes japoneses, aprofundando os laços de pertencimento dos descendentes a partir de espaços que gerem reflexões e atividades culturais.



Figura 02 - Presidente Prudente, em destaque o clube de campo da ACAE.
Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente;
Adaptado pela Autora, 2017.

CAPÍTULO 1

Imigração no Brasil

BREVE HISTÓRICO

A imigração no território brasileiro se iniciou nas primeiras décadas do século XIX, com os europeus que vinham trabalhar nas plantações de cana de açúcar. A partir de 1888, com a abolição da escravidão, o imigrante europeu se tornou a mão de obra principal e por conta disso, o governo brasileiro passou a incentivar e criar campanhas para atrair mais pessoas (LISBOA, 2008). Dessa forma, já no início do século XX, países da Europa e da Ásia enxergavam o Brasil como um país que oferecia muitas oportunidades e uma ótima chance de prosperar.

Por essa razão, muitas pessoas vieram para cá, procurando um novo lugar para morar, além de tentarem fugir das consequências das duas grandes guerras mundiais que atingiram seus países de origem. Dentro desse contexto, os japoneses sentiram diretamente os impactos desses conflitos e migraram para o Brasil buscando encontrar uma chance de recomeçar a vida. Então, procurando entender como chegaram os imigrantes japoneses, é necessário compreender a história da imigração no Brasil.

Em 1824, grupos de colonos alemães aportaram no litoral brasileiro e foram direcionados para o sul do país, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Com a chegada de mais imigrantes, os alemães foram explorando a região, acompanhando o percurso dos rios e em alguns anos, a área do Vale do rio dos Sinos já estava ocupada pelos germânicos (LISBOA, 2008). Inúmeras colônias foram criadas na época e que posteriormente resultaram em cidades que foram fundadas por eles. Então, os imigrantes alemães quando chegavam ao Brasil, se encaminhavam diretamente para essas colônias já estabelecidas e diminuíram seu ritmo em desbravar outras áreas da região (LISBOA, 2008).

A partir de 1870, com o avanço das plantações de café, aumentou a necessidade de mão de

obra para trabalhar nas lavouras e então os imigrantes italianos começaram a chegar no Brasil. A maioria deles eram atraídos para o sul e se juntavam com a ocupação alemã. Porém, em 1902, o governo italiano passou a proibir a imigração subsidiada³ e as fazendas de café começaram a sentir falta de trabalhadores. Apesar do nítido preconceito com os asiáticos⁴, em 1908 o governo brasileiro passou a aceitar os imigrantes japoneses (SHICASHO, 2013).

Na manhã do dia 18 de junho de 1908, o navio Kasatu Maru (Figura 03) aportou no Brasil, com cerca de 800 japoneses, sendo que 90% deles já vieram com contratos firmados pela empresa Teikoku Imin Kaisha e por meio de um acordo com o governo paulista, deveriam ficar no Brasil durante um período de 5 anos. (SHICASHO, 2013) Apesar das dificuldades que os japoneses tiveram para se adaptar com a cultura brasileira, muitas famílias seguiram confiantes e buscavam se encaixar no novo contexto social, porém outras famílias tinham a intenção de voltar para o Japão.

Esse movimento migratório diminui consideravelmente na década de 50 e a partir de 1985, começou o movimento do **dekassegui**⁵, que eram os brasileiros descendentes de japoneses indo para o Japão buscar novas oportunidades de trabalho. É notável que quando há esse fluxo em voltar para seu país de origem, há um estranhamento por parte dos japoneses nativos com os japoneses que vieram para o Brasil. Esse choque cultural aborda questões de memória e identidade cultural que serão discutidos a seguir.

3 Os proprietários de terra pagavam os custos da viagem do imigrante e em troca o imigrante tinha que trabalhar nas fazendas para devolver o valor da passagem paga.

4 Com a chegada dos japoneses, muitos brasileiros acreditavam que a raça afetaria o “branqueamento” da população com os imigrantes europeus, indesejando uma miscigenação da etnia amarela no Brasil.

5 É um termo japonês utilizado para definir pessoas estrangeiras que vão para o país trabalhar.



Figura 03 – Navio Kasatu Maru aportado.
Fonte: Imigração Japonesa. Disponível em:
<http://www.imigracaojaponesa.com.br/>
Acessado: 03/06/2017.

MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL

Os imigrantes vieram para o Brasil buscando fugir das consequências das duas grandes guerras mundiais e procurando oportunidades melhores de vida. Dessa forma, esses imigrantes carregavam consigo lembranças traumáticas de seu país de origem e que muitas vezes eram silenciadas quando chegavam aqui. Esse silêncio também era motivado por razões pessoais, sendo uma opção de pouparem os filhos de suas lembranças dolorosas, onde nota-se uma memória envergonhada e que era reprimida (CRAVO, JUNIOR, 2010).

Em 'Memória, esquecimento e silêncio', Michael Pollak (1992) discute a respeito da formação de memória coletiva, onde de um lado há monumentos, patrimônios e datas e do outro tradições e costumes. Então, dentro desse contexto, existem duas linhas de formação de identidade cultural, uma que aborda fatos sociais onde o material é palpável e outra que se refere a cultura imaterial. Portanto, inserido nesse processo de formação da identidade, a história oral vem como um meio de interligar estes elementos e construir uma memória.

Segundo Pollak (1992), a memória é estabelecida por três critérios: pessoas e personagens que encontramos no decorrer da vida, lugares ligados a uma lembrança e os acontecimentos vividos pessoalmente. Há ainda as recordações que não foram presenciadas pelas pessoas e que são transmitidas pelo seu grupo de convivência, que são denominados como acontecimentos “vividos por tabela”.

Além disso, no seu trabalho, ele ressalta que é importante ter uma sensibilidade ao abordar a história oral, uma vez que são pessoas que estão com feridas por conta de suas recordações. Então, quando é feito um contato com essas pessoas, é preciso ter um cuidado em como conversar, procurando não ofender a ética da sua nacionalidade e nem ferir a sua lembrança.

Por conta da perda do Japão na Segunda Guerra Mundial, que deixou o país em situação precária e destruído com conflito, os imigrantes japoneses vinham abalados para o Brasil e, ao chegarem aqui, eles não encontraram um cenário melhor do que deixaram para trás. Pelo contrário, as dificuldades permaneceram e eles ainda enfrentaram um choque cultural, problemas de comunicação e entre outros. Mas nos seus relatos, os japoneses alegam não terem enfrentado essas dificuldades e garantem que o processo de adaptação ocorreu bem. Então, podemos perceber que há uma memória silenciada na sua história e que era reprimida .

A geração de imigrantes japoneses que ainda permanece no Brasil, veio para cá crianças e muitos deles eram bebês. Dessa forma, ainda não tinham completado a sua formação sociocultural no Japão e nem tiveram essa oportunidade aqui. Mas inconscientemente, seus pais conservaram alguns aspectos culturais e que foram preservados pelos seus filhos. Tradições relacionadas a rituais, cerimônias, costumes, formas de se vestir e alimentar foram trazidas na bagagem e mantidas no Brasil. Segundo Eric Hobsbawm (1984), por tradição:

“entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.”
(HOBSBAWM, 1984).

Portanto, tradições são atividades feitas em práticas regulares e aceita pela comunidade e que independe da sua natureza, uma vez que a repetição acumula valores de comportamento. Então nesse meio existem as práticas que são variáveis e se tornam rotinas ou práticas fixas que são consideradas como costumes.

Sendo assim, os japoneses conservaram algumas tradições da sua terra natal e que estão presentes atualmente no seu cotidiano. Porém, de acordo com Hobsbawm (1984), uma

transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões.

Com isso, entre os imigrante japoneses, suas tradições ou foram renovadas, ou adaptadas, ou mesmo esquecidas e criadas novas no meio em que eles estavam vivendo. Então, procurando absorver todas essas questões que envolvem memória e identidade cultural, é importante perceber que hábitos e costumes não congelam com o tempo. São aspectos sujeitos a transformações no decorrer da sua história e que no presente têm reflexos diferentes do passado. Por isso, segundo Abreu (1997):

“A guarda da memória coletiva não é uma atitude saudista de preservação do passado como valor em si, imutável, uma alienação das necessidades do presente. O passado tem que ser pesquisado não para a formação de um tradicionalismo enganoso [...]. Seu desconhecimento pode significar a perpetuação de situações que não interessam mais às exigências do presente. (ABREU, 1997, p. 187) .

Nota-se que a geração nissei⁶ preservou alguns hábitos e costumes que aprenderam com seus pais, porém a geração sansei⁷ já não deu tanta continuidade. Por isso, buscando resgatar o interesse por parte dos descendentes, é preciso reconhecer a identidade cultural dos japoneses e entender como isso se reflete na memória dos imigrantes e no cotidiano dos descendentes. Dessa forma, para entender a construção da memória e da identidade cultural, foram identificados aspectos da cultura japonesa e que são tratados como heranças, a fim de despertar nos descendentes um reconhecimento de valor da sua origem e demonstrar que isso está vinculado com as atuais e próximas gerações.

6 Nissei é a segunda geração dos imigrantes japoneses, ou seja, os filhos dos imigrantes.

7 Sansei é a terceira geração dos imigrantes japoneses, ou seja, os netos dos imigrantes.

CAPÍTULO 2

Heranças japonesas

Procurando entender as heranças socioculturais dos imigrantes japoneses, é necessário compreender que elas vieram na sua bagagem, mas que se adaptaram no Brasil. Por isso, a essência desses aspectos se conservaram, mas as atividades foram se transformando ao longo do tempo. Além disso, toda a questão cultural, valores morais e éticos que foram transmitidos de geração para geração fizeram com que os japoneses e seus descendentes ganhassem uma reputação de pessoas disciplinadas e honestas, devolvendo para os imigrantes a satisfação e o reconhecimento das inúmeras conquistas no decorrer das décadas.

Então, a partir disso, identifica-se que a cultura japonesa se desenvolveu de maneira independente e que progrediu em diversas áreas. Práticas religiosas e atividades relacionadas a arte, esporte, gastronomia dentre outras se tornaram um legado deixado pelos imigrantes, que com muito esforço e perseverança construíram essa herança. Como exemplo disso, podemos citar o taikô, a ikebana, o karaokê e dentre outras atividades que continuaram tendo a prática no cotidiano das famílias japonesas, assim como os templos religiosos e o esporte. A culinária oriental também conquistou seu espaço no paladar brasileiro, circulando desde um fast-food até restaurantes mais renomados. Dessa forma, foram selecionados alguns aspectos desse legado que serão apresentados a seguir.

RELIGIÃO

A religião japonesa é marcada por um processo de tradições e influências, no qual duas crenças são consideradas as principais: Xintoísta e Budista. O xintoísmo está bastante vinculado com a natureza e por isso, consideram que as divindades estão presentes em vários elementos ambientais (flores, árvores, rochas, etc.). Já o budismo tem sua crença relacionada a espíritos, acreditando em antepassados e reencarnação.

Apesar de serem distintas, as duas religiões têm características comuns e se interagem desde o século VI no Japão, sendo até hoje as principais correntes no país. Dessa forma, muitos imigrantes japoneses trouxeram seus princípios religiosos para o Brasil, construindo templos budistas (Figura 04), dando continuidade em cultos e cerimônias que aprenderam com seus antecedentes.

Chamados de “oterá”, atualmente esses templos são frequentados por pessoas mais velhas, que ainda organizam eventos para a comunidade, como festivais de comida ou celebrações em datas comemorativas. Essas cerimônias são realizadas por um monge budista, nas quais são pronunciadas sutras⁸ em japonês e queimados incensos como parte do ritual.

ESPORTE

Os japoneses consideram a prática do esporte muito importante, porque desenvolve a disciplina, a formação do caráter e incentiva o espírito esportivo. Os principais são: judô, karatê, sumô e beisebol.

O judô, o karatê e o sumô, são artes marciais que exigem dos praticantes, concentração, equilíbrio e força. Além disso, são modalidades em que o principal objetivo é a defesa pessoal, por isso envolve técnicas precisas, sem a necessidade de agredir o adversário.

Já o beisebol é um esporte praticado por duas equipes com nove jogadores cada. É realizado em campo aberto, no qual há 4 bases que são percorridas por um jogador. Essa corrida só acontece quando o time consegue acertar com o bastão a bola e com isso, o time adversário precisa buscar a bola antes da volta no campo ser completada.

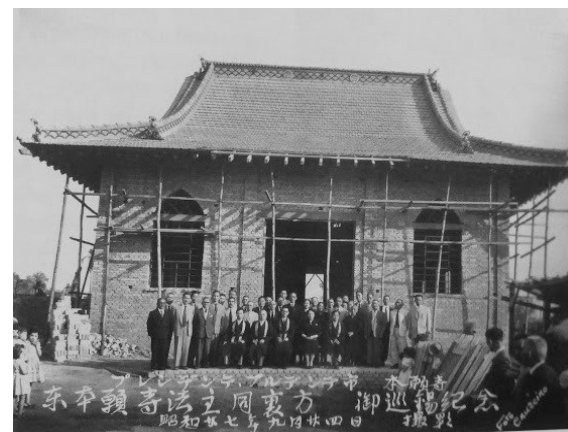


Figura 04 – Construção do templo budista Honpa Hongwanji em Presidente Prudente - SP.
Fonte: SHICASHO, 2013.

8 São escritas sagradas que se referem ao registro dos ensinamentos do Buda e que a repetição da sua prática oral reforça esse ensinamento.

Como já citado anteriormente, o beisebol é um elemento estruturador das associações nipônicas no Brasil, uma vez que os times formados por seus membros participam de grandes competições que dão de volta para a associação um reconhecimento da sua contribuição no esporte. Além disso, é muito praticado pelos imigrantes japoneses, pelos seus descendentes e também por brasileiros.

CULINÁRIA

O Japão é um país onde a população consome muito peixe, algas marinhas e arroz. Na maioria das vezes, as refeições são preparadas com alimentos frescos e por conta disso passou a ser considerada uma das culinárias mais saudáveis do mundo.

Muitas famílias nipônicas por não se adaptarem a comida do Brasil, continuaram preparando seus pratos típicos e com isso, seus descendentes também aprenderam as receitas. A partir disso, os japoneses começaram a abrir restaurantes, servindo comida japonesa (Figura 05) e os brasileiros passaram a frequentar. O **sushi** e o **sashimi**⁹ são os alimentos mais consumidos da culinária oriental e hoje percebe-se que são os não descendentes de japoneses quem mais frequentam os restaurantes .



Figura 04 - Prato de comida japonesa de um restaurante japonês em Presidente Prudente – SP.
Fonte: Sushi & Grill.

Ainda são encontradas nas casas das famílias japonesas, comidas a base de peixe e arroz, que sempre estão presentes diariamente nas refeições deles. Porém, vale destacar que atualmente, a culinária japonesa no Brasil é diferente da culinária japonesa no Japão. Relatos de pessoas que já estiveram nos dois países identificam sabores diferentes nas comidas. Isso é um reflexo da adaptação dos pratos japoneses ao paladar brasileiro.

⁹ Sushis são bolinhos de arroz japonês, envolvidos com peixes, frutos do mar e algas e apresentam diversos tipos. Já o sashimi, são fatias de peixe cru. Os mais ingeridos são salmão, tilápia e atum.

TAIKÔ

O taikô são grandes tambores utilizados em eventos e cerimônias, que fazem parte das apresentações artísticas que refletem a música tradicional japonesa. Antigamente, serviam para anunciar guerras e intimidar adversários. Na época feudal foi usado para incentivar as tropas e auxiliar nos ritmos das marchadas. Já com os camponeses, eram instrumentos que faziam parte de festivais de agradecimentos.

No Brasil, com a vinda dos imigrantes de diversas regiões do Japão, fez com que o taikô ganhasse mais cores e diversidade. As associações japonesas procuraram manter essa prática, ensinando as pessoas a tocarem e sempre são feitas apresentações em grupos nos festivais nipônicos (Figura 06), sendo um espetáculo apreciado pela comunidade japonesa.

ODORI

A clássica dança japonesa usa de movimentos que tendem a flexão dos quadris e membros inferiores abaixando mais o corpo, onde os pés se arrastam e pisam forte no chão. É uma dança com passos intensivos que tem como objetivo técnico expressar a beleza das pessoas mais velhas (Figura 07).

Anualmente, acontece no Japão e no Brasil, o Bon Odori, que é um festival de tradição budista que celebra os espíritos dos antepassados., no qual são acesas lanternas com o intuito de relembrar a sabedoria deles.

KARAOKE

O Karaokê surgiu na década de 70 na cidade de Kobe, no Japão. Sua prática tem o intuito de descontrair e animar encontros e lugares. Os japoneses abraçaram essa atividade e hoje é muito comum aparelhos de karaokê em diversos lugares. Essa tecnologia que dispensa grandes



Figura 06 – Apresentação de Taikô durante o Nikkei Fest de 2013. Fonte: ACAE.



Figura 07 – Apresentação de Odori durante o Nikkei Fest de 2015. Fonte: ACAE.

instalações deu a oportunidade para cantores amadores demonstrar seu talento.

No Brasil, os imigrantes japoneses chegaram cantando e com o microfone e a caixa de som, se identificaram com a liberdade de poder cantar músicas em japonês. Atualmente são feitos campeonatos dentro da comunidade nipônica, promovendo concursos que mantêm viva essa prática e todos se animam com as apresentações, se tornando parte das tradições nipo-brasileiras.

LÍNGUA JAPONESA (NIHONGAKKOU)

A língua japonesa, apesar de parecer complicada, é considerada um idioma fácil. Isso é em função do fato da língua não ter diferenciação de gênero, não ter singular e plural e os tempos verbais serem basicamente o passado e o presente. Quando os imigrantes vieram, não sabiam conversar em português, então dentro do seu meio na comunidade, os diálogos eram só em japonês e as gerações seguintes também aprendiam. Até nos dias de hoje, algumas expressões ainda são usadas no dia-a-dia das famílias nipônicas.

As associações japonesas procuram ensinar a língua a partir de atividades em equipes, com brincadeiras, nas músicas e dentre outras maneiras. Porém, uma característica que atrapalha quem aprende posteriormente a língua, é que existem pelo menos 4 sistemas de escrita diferente e isso acaba tornando um aprendizado um pouco confuso.

Dentro desse aspecto, podemos citar o shodo, que é a arte da caligrafia japonesa. A técnica necessita apenas de três materiais: o pincel, a tinta e o papel, e cada pincelada deve ser precisa e sem retoques. Essa arte chegou no Brasil ainda nos navios, onde os imigrantes já deixavam registrados o sonho e a esperança em voltar para o Japão.

IKEBANA

Ikebanas são arranjos florais (Figura 08) montados de forma harmônica, com ritmo e cor, representando a valorização dos japoneses com os aspectos espirituais já que durante a montagem, o silêncio é fundamental para a concentração, além de poderem ter também uma apreciação das coisas da natureza.

No Brasil, a prática se iniciou com as mulheres que recolhiam flores durante o caminho do cafezal até a casa. A prática se intensificou no pós guerra e desde então, diversas associações japonesas oferecem oficinas para quem quer aprender a fazer as montagens. Posteriormente, em eventos, são feitas exposições das composições criadas.

ORIGAMI

Origami é uma arte tradicional japonesa em dobrar papel. A partir disso, são criadas formas que representam vários objetos, plantas, animais e pessoas. O interessante é que não há a necessidade de cortar ou colar o papel e com apenas um pequeno número de dobras, podem ser combinados diversos formatos (Figura 09). Geralmente, a base é um pedaço de papel quadrado, que pode ter suas faces coloridas ou estampadas.

Sua prática é muito antiga, mas após a Segunda Guerra, o comportamento dos japoneses era baseado no princípio de não poder desperdiçar nada e então, reutilizando papéis que seriam jogados fora, o imigrante japonês encontrou um passatempo no Brasil, já que não tinham condições de qualquer outro tipo de lazer.

O modelo mais popular de origami é o tsuru, que representa um pássaro que simboliza saúde, felicidade e longa vida e segundo lendas japonesas, uma pessoa que dobrar mil tsurus com os pensamentos focados num desejo, terá ele realizado.



Figura 08 -Ikebana na ACAE de Presidente Prudente – SP. Fonte: Autora, 2017.



Figura 09 – Modelos de origami.
Fonte: Autora, 2017

MASSAGEM E OFURÔ

Uma demonstração de oyakoko (amor dos filhos) era massagear as costas de seus pais e avós no fim do dia, representando um momento familiar. Atualmente, técnicas de massagem são sinônimos de bem estar e qualidade de vida e os japoneses desenvolveram e aperfeiçoaram técnicas ao longo do tempo, podendo oferecer hoje tratamentos terapêuticos, como por exemplo, o shiatsu.

Além disso, os imigrantes costumavam tomar banho dentro de um barril metálico, que ficava exposto ao ar livre e aquecido com lenhas. Essa era uma maneira que os imigrantes tinham para suprir o ofurô da sua terra natal. Hoje em dia, spas e clínicas utilizam de modelos mais sofisticados com madeira, a fim de garantir um momento revigorante para os seus pacientes.

Com base nesses aspectos apresentados, percebe-se que os imigrantes japoneses trouxeram na sua essência práticas, hábitos e tradições quando vieram para o Brasil e que ao longo do tempo, essas atividades se adaptaram ao contexto em que eles estavam inseridos. A maioria delas se estruturaram com a formação das associações e continuaram em contato com os japoneses e seus descendentes.

Dessa forma, buscando continuar repassando essas atividades que identificam e preservam uma memória dos imigrantes, é fundamental o papel que as associações japonesas têm hoje. Então, é necessário acompanhar as constantes transformações e entender como elas refletem nos interesses das novas gerações, procurando manter essas práticas sempre ativas. A estruturação do centro cultural em uma cidade que apresenta uma grande comunidade nipônica irá transformar não só a dinâmica urbana, assim como as pessoas que terão mais contato com a comunidade japonesa.

CAPÍTULO 3

Sobre Presidente Prudente

LOCALIZAÇÃO

A cidade de Presidente Prudente, localizada no oeste do estado de São Paulo (Figura 10) situa-se a 22°07'04" na latitude sul e 51°22'57" na latitude oeste, numa altitude equivalente a 472 m, compondo assim uma malha urbana de formato alongado que se estende no eixo norte-sul. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2016, a população foi estimada em 223.749 habitantes, sendo a 36ª cidade mais populosa do estado. Em função da sua importância no estado, é considerada a "capital do oeste paulista".

HISTÓRICO

Sobre sua formação histórica, ainda no século XIX, muitas pessoas migraram para o interior de São Paulo a procura de terras boas para lavouras. Com isso, a região passou a ser ocupada e um dos primeiros colonizadores da cidade foi o coronel Francisco de Paula Goulart, em setembro de 1917. Além disso, a vinda da ferrovia da região de Sorocaba até o Sudoeste Paulista (Figura 11) possibilitou a chegada de mais colonos, atraídos pelas novas terras. Então, se formaram ao longo da linha férrea diversas vilas e povoações que hoje são cidades, como Martinópolis, Indiana, Regente Feijó, Presidente Venceslau e outras.

A região se desenvolveu muito rápido, tanto que em 1920, contava com aproximadamente 826 habitantes e, esse grande crescimento, exigiu uma autonomia política. Dessa forma, na época, o governador paulista Washington Luís decretou em setembro de 1921 o município de Presidente Prudente.

Com a chegada da luz elétrica em 1924, antigas fazendas foram loteadas e a partir disso, outros recursos como escolas e hospitais foram crescendo e melhorando a infraestrutura da cidade, que apresentou um grande crescimento populacional também.



Figura 10 -Presidente Prudente – SP. Fonte:
<http://www.portalprudente.com.br/prudente.htm>

A introdução das culturas do algodão e mais tarde do amendoim, provocou mudanças na estrutura das relações trabalhistas da área. Outros produtos como arroz, milho, feijão e batata se tornaram a base econômica do lavrador que, com sua venda, financiava uma lavoura de café, pagava a propriedade e sustentava sua família (CAMARGO, 2007).

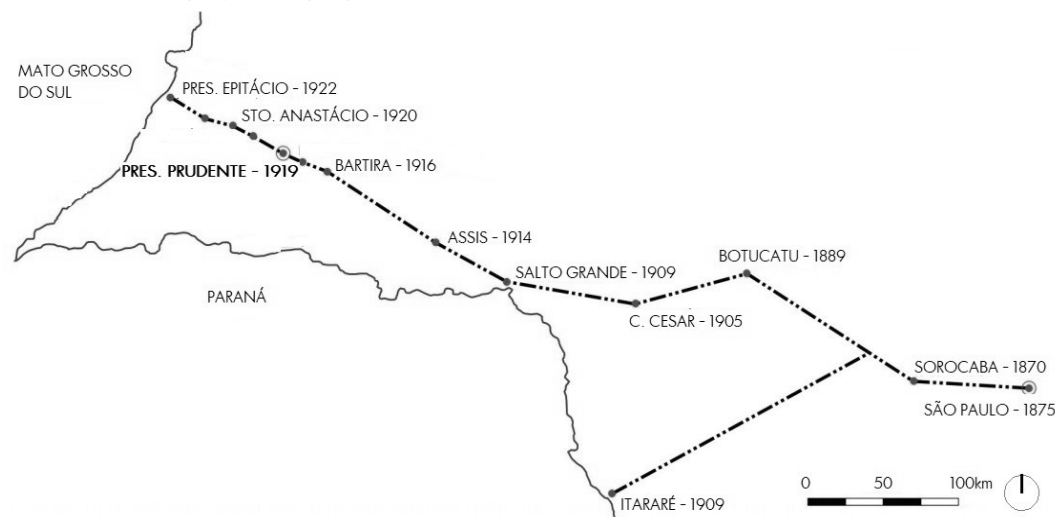


Figura 11 - Expansão da linha férrea Sorocabana.
Fonte: CAMARGO, 2007. Adaptado pela Autora, 2017.

O beneficiamento desses produtos eram feitos na cidade, aumentando o número de estabelecimentos e consequentemente o crescimento delas. Dessa forma, no início da década de 30 havia 17 estabelecimentos industriais e em 1940 já apresentava 138 unidades, empregando 655 pessoas.

Aos poucos, o município foi crescendo e a população aumentando, atraindo muitas pessoas de outras vilas e cidades para Presidente Prudente. Em 1940 já somavam aproximadamente 13.000 habitantes, o que passou a exigir um comércio melhor, com mais variedade de

utensílios e vestuários e, com esse crescimento, antigas fazendas de café foram se tornando bairros.

Em 1960 a configuração urbana se estabilizou e no seu processo de expansão territorial, a cidade absorveu progressivamente o meio rural. Pois, em função do aumento das atividades produtivas na cidade (indústria, comércio e serviços) e do aumento da demanda habitacional, a predominância de espaços rurais passou a ser substituída pelo urbano, a fim de atender as necessidade dessa expansão.

Dessa forma, esse processo de urbanização redefiniu as relações entre a cidade e o campo. O campo passou a ter um esvaziamento populacional, principalmente em função da chegada da pecuária na região. Ao mesmo tempo, a cidade passou por um processo rápido de povoamento e sem um planejamento urbano, a população foi acarretada com inúmeros problemas socioambientais (CAMARGO, 2007).

Procurando melhorar aspectos urbanos, na década de 70, durante as eleições municipais de 1976, em meio a interesses políticos, foi lançado o projeto do Parque do Povo. O parque foi uma intenção de reurbanização de uma área degradada, com intuito de criar áreas verdes e implantar equipamentos de lazer (BORTOLDO, 2013).

A cidade apresentou um crescimento sem planejamento urbano, resultando em um população morando na periferia e muitas vezes em situações precárias. Essa característica é presente em diversos processos de evolução urbana em outras cidades do mesmo porte. Porém é importante destacar que muitas vezes a ocupação das periferias é uma consequência dos grandes vazios urbanos criados dentro do perímetro urbano da cidade e que não são ocupados porque os proprietários estão na expectativa da valorização dessas áreas (CAMARGO, 2007).

IMIGRANTES JAPONESES EM PRESIDENTE PRUDENTE

Em 1918, as famílias de Kazuiti Kawamura e de Junroku Isse, foram os primeiros imigrantes japoneses a chegarem em Presidente Prudente. Eles eram trabalhadores da estrada de ferro Sorocabana e haviam adquirido alqueires de terra no local. A partir de então, nos anos seguintes, outras famílias de imigrantes japoneses passaram a ir para cidade a fim de comprar pequenas propriedades na região. Estima-se no censo de 1923, que havia 31 famílias de imigrantes, sendo 3 morando na área urbana e as outras 28 ocupando a zona rural (SHICASHO, 2013).

Posteriormente, outros imigrantes japoneses chegaram à região empenhados em várias atividades econômicas e tiveram importante participação na organização regional destacando-se na atividade rural, influenciando na transformação da agricultura regional. Os imigrantes trabalharam, não exclusivamente, nas lavouras de café e algodão, mas se dedicaram a outras culturas agrícolas, sendo que 90% da produção do estado de São Paulo era realizada pelos japoneses (SHICASHO, 2013).

Com o intuito de preservar a cultura e suas origens, os japoneses começam a criar associações para a prática de seus costumes e religião, assim em 1920, como em outras regiões, foi fundada a ACAE (Associação Cultural Agrícola e Esportiva) em Presidente Prudente, a fim de preservar hábitos e tradições japonesas. A ACAE incentivou o imigrante a se enraizar na cidade e muitos deles tinham uma participação ativa na associação.

No livro ‘A saga dos imigrantes japoneses em Presidente Prudente’, a autora Emika Shicasho (2013) reúne histórias e depoimentos de várias famílias nipônicas que se fixaram em Presidente Prudente, demonstrando várias áreas de atuação além da agricultura. Esses imigrantes constituíram suas famílias na cidade, sempre praticando e participando das atividades da

atividades da comunidade japonesa. Muitos deles tiveram reconhecimento no Japão e inclusive receberam títulos e menções honrosas no país de origem. Como exemplo disso, José Yamamoto que atuou como vereador na cidade, foi presidente da ACAE e que teve uma persistência em trabalhar a favor da comunidade nipo-brasileira, foi homenageado com uma Medalha e Diploma da Comenda da Ordem do Mérito do Tesouro Sagrado do Governo Japonês.

Muitas outros imigrantes também atuaram ativamente na comunidade japonesa, como as famílias Kodama, Funada, Takigawa, Uchida, Yamamoto (Figura 12) entre várias outras. Inclusive, foram os próprios japoneses que davam todo incentivo necessário para que as atividades estivessem sempre sendo oferecidas. O templo budista Honpa Hongwanji foi construído com recursos próprios em uma participação coletiva de toda a comunidade.

Com base nos relatos presentes no livro de Shicaso (2013) é possível verificar inúmeras contribuições dos imigrantes na formação de Presidente Prudente. Porém:

"Apesar da cidade de Presidente Prudente, possuir um grande número populacional nikkei, poucos nisseis mantêm a tradição e muitos pareceram desinteressados em conhecê-la e passá-la adiante. A língua, a religião e as lendas estão desaparecendo gradativamente por não serem mais praticadas. Percebe-se que estas tradições, ao invés de serem englobadas pela sociedade brasileira, estão acabando com o tempo em virtude do falecimento dos isseis, pois a segunda geração parece não se comprometer em recriá-las." (SOUSA, 2007)

Então, em respeito a contribuição desses imigrantes, vale a tentativa de resgatar na sociedade, principalmente nos descendentes, o reconhecimento e valorização dos papéis que os japoneses exerceram na construção de uma identidade cultural e as características que lhe são atribuídas.



Figura 12 – Imigrantes japoneses que moravam em Presidente Prudente.
Fonte: SHICASHO, 2013.

SOBRE A ACAE

Na década de 20, estima-se que na região da Alta Sorocabana, havia aproximadamente de 3500 a 3700 famílias de imigrantes japoneses. O hotel Kataoka, nas proximidades da estação ferroviária, hospedava colonos japoneses, que jogavam shogui¹⁰ após o jantar e entre eles surgiu a discussão sobre a necessidade de um pensionato para estudantes, uma vez que os imigrantes tinham uma preocupação com a educação dos filhos.

Com isso, na época, Kametaro Morishita foi à São Paulo buscar recursos no consulado japonês e retornou com seu pedido aprovado. Então, a associação foi fundada em 15 de janeiro de 1929, inicialmente com o nome Associação Japonesa Unida de Presidente Prudente. Em 1962, passou a se chamar Associação Cultural, Agrícola e Esportiva de Presidente Prudente (ACAE).

Porém, o contexto político da fase nacionalista da Era Vargas reprimia qualquer força de expressão dos imigrantes, principalmente em relação a educação. Então, muitas vezes, as atividades das associações precisavam ser discretas, para que se mantivessem ativas. E com essa repressão em cima da educação, a associação passou a dar uma ênfase no caráter esportivo.

Mesmo quase cem anos depois da sua fundação, a ACAE mantém suas atividades ativas, atuando fortemente no beisebol mas sem perder a participação em atividades culturais, oferecendo oficinas de Taikô aos sábados, Odori nas quintas, Karaokê nas terças e sextas e Ikebana na sexta, além de ensinar a língua japonesa de segunda a quarta.

Em relação ao esporte, o clube de campo da ACAE (Figura 13) dispõe uma área de 245 mil metros quadrados que contém campos de beisebol, campos de futebol, salão para festas, piscina e quadra poliesportiva. Os espaços são frequentemente utilizados e os eventos

10 Shogui é um jogo de tabuleiro, mais popularmente conhecido como “xadrez japonês”.

realizados neles são bem frequentados pela população de Presidente Prudente.

Atualmente, a ACAE representa o empenho e dedicação que os japoneses tiveram em Presidente Prudente. Desde sua fundação até os dias atuais, várias pessoas passaram pelas atividades da associação, procurando sempre oferecer a comunidade japonesa todo o suporte necessário para não deixarem de praticar hábitos, costumes e tradições do Japão.

Os descendentes de japoneses têm conhecimento das atividades da ACAE e mesmo aqueles que não participam de alguma em específica, eles conhecem alguém ou têm parentes que já fizeram parte da associação. E por estar ainda tão presente na história dos imigrantes japoneses e dispor de uma área tão grande, é totalmente válida propostas de melhorias na infraestrutura do clube de campo (Figuras 14 a 19), bem como novos espaços a fim de convidar as gerações mais novas a continuar contribuindo, assim como seus antecedentes fizeram.



Figura 13 – Vista de satélite do clube de campo.
Fonte: Google Maps, 2017.



Figura 14 – Campo de Beisebol.
Fonte: Autora, 2017.



Figura 15 – Salão de festas.
Fonte: Autora, 2017.



Figura 16 – Jardim com totem japonês.
Fonte: Autora, 2017.



Figura 17 – Portaria.
Fonte: Autora, 2017.



Figura 18 – Vista do clube.
Fonte: Autora, 2017.



Figura 19 – Arquibancada para beisebol.
Fonte: Autora, 2017.

CAPÍTULO 4

Estudos e Diagnósticos

Através da lei complementar 153/2008, que trata do zoneamento de Uso e Ocupação do solo urbano de Presidente Prudente, o terreno onde situa-se o Clube de Campo da ACAE (Figura 20) faz parte da ZE 08 (Zona Especial de Clubes Recreativos). E segundo a lei:

“Qualquer obra ou edificação deverá ser objeto de análise específica do órgão competente de Planejamento do Executivo Municipal, que estabelecerá os parâmetros dos índices urbanísticos a serem observados.” (Lei Municipal 153/2008). Disponível em: <http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/Documento.do?cod=612> Acessado em 29/06/2017.



Figura 20 - Local do clube de campo da ACAE na cidade.

Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente. Adaptado pela Autora, 2017.

Dessa forma, a partir da escolha em trabalhar com o clube de campo da ACAE, foi necessário observar e entender a sua localização em relação a cidade, a fim de compreender como seriam os acessos e a relação que essa nova edificação teria com o seu entorno. Por isso, foi realizada uma análise em relação a evolução urbana da cidade, com a finalidade de compreender o direcionamento do crescimento urbano e avaliar a presença de um centro cultural em escala urbana.

Essa análise é importante uma vez que identifica-se a localização desse terreno na periferia da cidade. Por isso, buscando maneiras de incentivar a população para esse deslocamento é fundamental que o edifício seja realmente atrativo e com espaços de qualidade, a fim de oferecer lugares públicos que configurem uma nova dinâmica urbana.

Dessa forma, também foi analisado pontos da cidade que já oferecem atividades culturais e esportivas, além da identificação do Parque do Povo na cidade. Esses estudos irão permitir a leitura em relação a urbanidade da cidade e concluir em quais pontos são importantes trabalhar para equilibrar a qualidade dos espaços urbanos.

EVOLUÇÃO URBANA

Ao analisar os mapas de evolução urbana (Figura 21) foi identificado um direcionamento da ocupação para áreas a sudoeste, região onde está o clube de campo da ACAE. Esse fluxo foi consequência de melhores condições geográficas nessa área e além disso, os trilhos de ferro da Sorocabana delimitaram um pouco a expansão da cidade para o norte e leste.

Porém, nessa região sudoeste, foi identificado a presença de vazios urbanos que estão na expectativa de uma valorização imobiliária para serem ocupados. E é também nessa região que estão sendo feitos mais condomínios horizontais fechados, diminuindo a relação dessas residências com a cidade, uma vez que estão se isolando. Dessa forma, a implantação de um centro cultural na região sudoeste não estará tão na periferia da cidade, até porque, as projeções dessa evolução urbana evidenciam que logo a região será ocupada.

EQUIPAMENTOS CULTURAIS E LAZER

Em relação a cultura e lazer, foi identificado na cidade (Figura 22), representados pelos pontos vermelhos, dois equipamentos culturais, o Centro Cultural Matarazzo (1) e o Museu e Arquivo Histórico Municipal (2), ambos mais na região central e nordeste da cidade. O Centro Cultural Matarazzo, fica próximo aos antigos trilhos de ferro e oferece oficinas de artesanato, áreas de exposições, além de guardar memórias e relatos da formação da cidade a partir da estrada de ferro Sorocabana. Já o Museu apresenta também uma área de exposições, mas se configura mais como um arquivo público da cidade.

Em relação a áreas de esporte e lazer, representadas pelos pontos verdes, nota-se que há uma distribuição proporcional na cidade, além do Parque do Povo (3), representado pelo ponto azul, na região central urbana.



Figura 22 - Equipamentos de cultura e lazer na cidade.

Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente. Adaptado pela Autora, 2017.

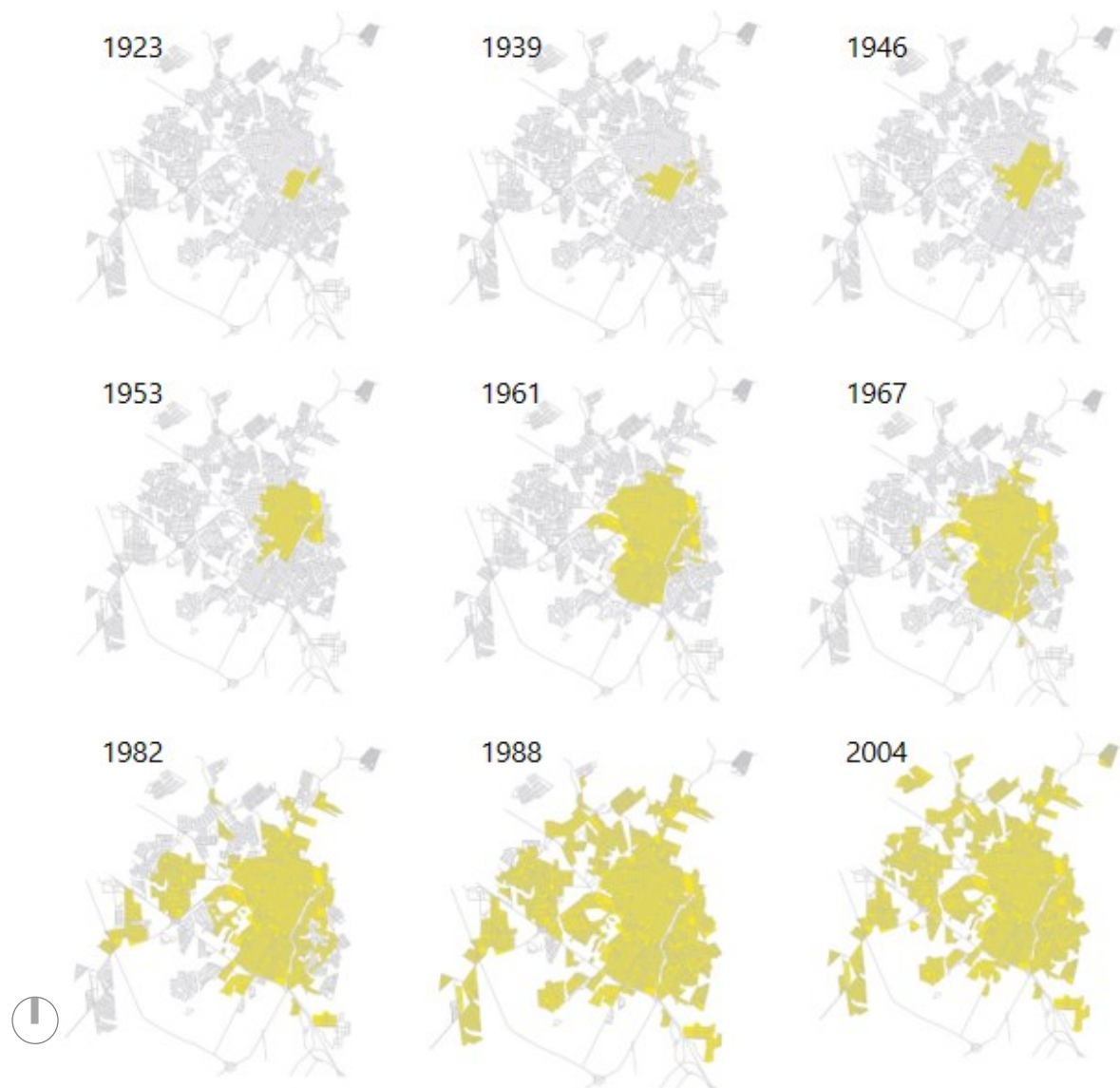


Figura 21 - Evolução urbana de Presidente Prudente.
Fonte: CAMARGO, 2007. Adaptado pela Autora, 2017.

Analisando o entorno imediato (Figura 23), foi identificada a presença de áreas residenciais bem ocupadas, mas que há também vazios em volta. Do lado leste tem uma zona comercial com um caráter mais industrial onde há muitos galpões e que se torna uma barreira entre o clube e a parte residencial. Já do lado ao norte tem um clube privado que oferece espaços com campos para esportes e piscinas.

Dessa forma, é importante se atentar a implantação do edifício do centro cultural, levando em consideração a orientação solar, topografia e principais vias de acesso. Além de procurar entender as relações que ele terá com esse uso existente no seu entorno imediato.

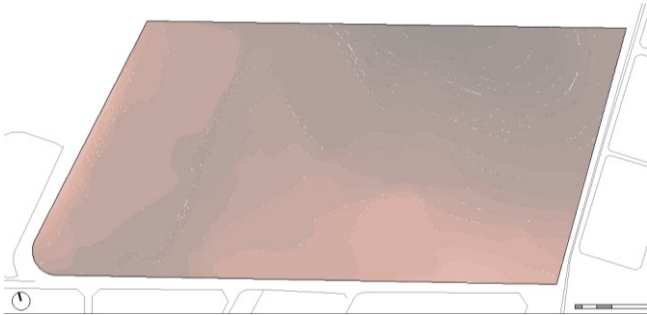


Figura 23 - Uso do entorno do clube da campo da ACAE.
Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente.
Adaptado pela Autora, 2017.

CONDICIONANTES LOCAIS

TOPOGRAFIA

Em relação a topografia, o terreno apresenta pouca declividade, cerca de 6% de inclinação, onde os pontos mais altos são na extremidade nordeste e os pontos mais baixos do lado noroeste e sudeste. Nota-se que a topografia original foi modificada para a implantação dos campos de beisebol.



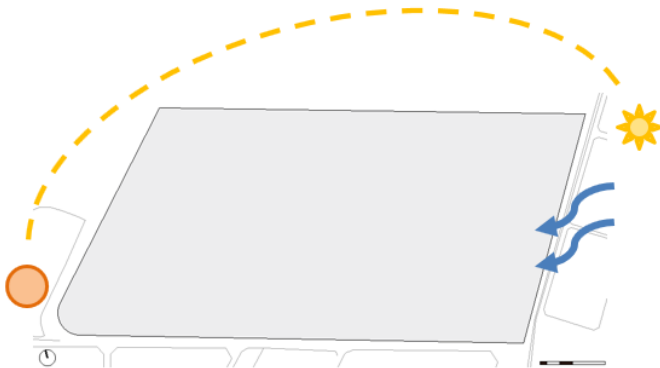
ARBORIZAÇÃO EXISTENTE

A área apresenta uma baixa densidade de vegetação, sendo a maior concentração de árvores do lado oeste e espalhadas em volta dos campos existentes. Já na área do lado leste que não é muito utilizada, a vegetação é praticamente de mato alto e algumas árvores. Com isso, percebe-se que apesar de apresentar uma grande área permeável, é nítida a ausência de vegetação no terreno.



INSOLAÇÃO E VENTILAÇÃO

Durante quase todo o ano, os ventos dominantes da cidade são da direção leste oeste e em alguns meses da direção sudeste. Já a orientação solar colabora com a implantação do edifício, uma vez que as fachadas favoráveis ficam voltadas para as principais vias de acesso. Dessa forma, é possível adotar grandes aberturas para as fachadas de acesso.



A partir das análises feitas na área do terreno, pode-se notar que a região apresenta um potencial de ocupação e que está na expectativa de uma valorização. Com isso, buscando dinamizar aquele espaço, a proposta de um centro cultural pode caracterizar outra situação na escala urbana, se configurando como um possível fator de urbanidade.

Além disso, com base nas condicionantes locais, foi identificada uma topografia bem suave que permite uma implantação que acompanha as curvas de nível natural do terreno, evitando movimentos de terra. A arborização existente poderá ser aproveitada em diversas áreas, além de direcionar o local do plantio de novas árvores. Já em relação a orientação solar, como dito anteriormente, o percurso do sol favorece as fachadas voltadas para as vias de acesso, o que garante a possibilidade de adotar grandes aberturas.

Dessa forma, as condicionantes locais e o entorno apresentam aspectos que colaboram para uma boa implantação do edifício, sendo então a próxima etapa, a concepção do projeto a partir da estruturação do programa, do fluxograma e dos acessos. A proposta tem como base um conceito e este norteará o projeto.

CAPÍTULO 5

Proposta de projeto

Com base nas análises feitas, a proposta de implantação tem um caráter mais de diretriz, uma vez que a área do terreno é muito grande para ser trabalhada durante o desenvolvimento desse trabalho. Por isso, a proposta de projeto ficou mais concentrada no centro cultural e no seu entorno imediato, sendo o restante como uma proposta de acompanhar a linguagem do projeto.

A partir disso, a busca por referências projetuais direcionam e estruturam essa proposta de projeto. Essas referências têm a essência de um valor cultural, que foi buscado em edificações no Brasil e no Japão, a fim de entender e absorver vários pontos que são interessantes para o projeto. Também foi revisado aspectos das características da arquitetura japonesa, a fim de absorver esses princípios aplicando eles no projeto.

Então, baseado nessas referências projetuais, foi formulado um conceito, que irá nortear as tomadas de decisões no desenvolvimento da obra, além de um programa de necessidades juntamente com um pré dimensionamento. O conjunto desses elementos estruturam o projeto, além de auxiliar na sua criação.

Porém, como já existem edificações e campos no local, foi preciso se atentar a apropriação atual, considerando essa essência do espaço já consolidado. Na etapa anterior do desenvolvimento desse trabalho, foi identificado que as construções existentes não apresentam uma qualidade arquitetônica e nenhum valor histórico para o local, por isso, podiam ser retiradas ou realocadas para outras áreas.

Sendo assim, prevendo essa nova volumetria, foi feito um estudo de uma distribuição espacial dos ambientes propostos no programa, procurando estruturar uma boa circulação entre eles. A partir disso, com base no conceito proposto, o projeto foi modulado e teve as divisões entre os ambientes acompanhando os eixos dessa modulação, assim como toda a estrutura da edificação.

A ESSÊNCIA DA ARQUITETURA JAPONESA

A arquitetura no Japão foi influenciada pelo clima, pois lá o verão costuma ser quente e úmido, enquanto o inverno é seco e frio. Fato que refletiu nas construções onde o material mais adotado foi a madeira, porque é abundante no país, por ser fresca no verão e quente no inverno e por ser também mais flexível quando há terremotos. Além disso, os japoneses acreditam que divindades estão presentes em elementos da natureza e ao utilizar a madeira na construção, terá a presença dessas divindades em casa.

Um outro aspecto muito interessante é a maneira que os japoneses veem o interior e o exterior da casa. Ao invés de entender o interior e o exterior como dois ambientes distintos, eles são pensados como elementos contínuos, dando mais integração aos espaços. No Brasil, os japoneses aplicaram seus conhecimentos e princípios nas construções, muitas vezes utilizando técnicas de carpintaria (Figura 24), além de usarem elementos característicos típicos da arquitetura deles, como por exemplo, os telhados com os beirais levemente curvados.

Atualmente, grandes arquitetos japoneses como Kenzo Tange e Tadao Ando contribuíram com obras contemporâneas, modernizando a arquitetura japonesa. E no Brasil, Ruy Ohtake também acompanhou o desenvolvimento ao longo do tempo, projetando edifícios modernos.

Dessa forma, buscando absorver a essência da arquitetura japonesa, foram selecionados alguns princípios das suas características, a fim de entender como elas refletem no projeto e como é possível aplicar elas na proposta desse projeto. Vale ressaltar que esses princípios foram fundamentais para as tomadas de decisão e aplicados durante o desenvolvimento do projeto.

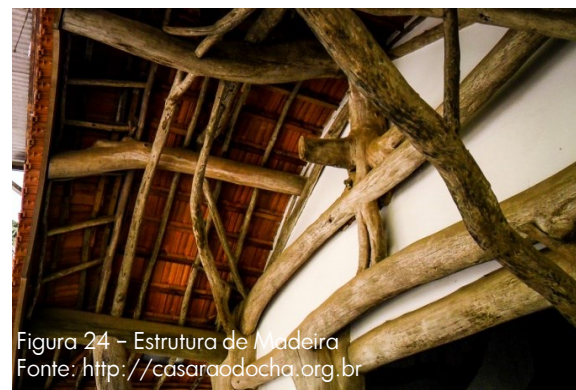


Figura 24 – Estrutura de Madeira
Fonte: <http://casaraadocha.org.br>



PRINCÍPIOS DA ARQUITETURA JAPONESA:

1. Luz;
2. Espaços de transição;
3. Jardins;
4. Transparência;
5. Entorno;
6. Simplicidade;
7. Privacidade;
8. Espaços articulados;
9. Flexibilidade.



Figura 25 – Projetos que apresentam princípios da arquitetura japonesa.
Fonte: Disponível em: <http://comoprojetar.com.br/casas-japonesas/>

REFERÊNCIA PROJETUAL 1

– CASA DO JAPÃO

Projeto: Kengo Kuma.

Ano: 2016.

Localização: São Paulo, Brasil.

A Casa do Japão (Figuras 26 a 29) é um espaço construído exclusivamente para difundir e explorar a cultura japonesa. Suas exposições contam a história da nação oriental, que apesar de distante, se tornará próxima pelos aspectos que o espaço oferece.

A madeira, principalmente o bambu está presente em todos os cenários e contam essa forte relação que os japoneses têm com o material. Além disso, os ambientes internos são amplos e mantidos abertos, o que permite um jogo de iluminação internamente durante o dia e externamente durante a noite. Essa relação interior e exterior faz parte dos princípios da arquitetura japonesa.

São oferecidos shows, workshops, restaurante, café, biblioteca e outras atividades. Também são propostas parcerias com universidades e instituições de ensino e pesquisa para que haja um contato com toda a comunidade.



Figura 26 - Casa do Japão.

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/>



Figura 27 - Escultura de bambu

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

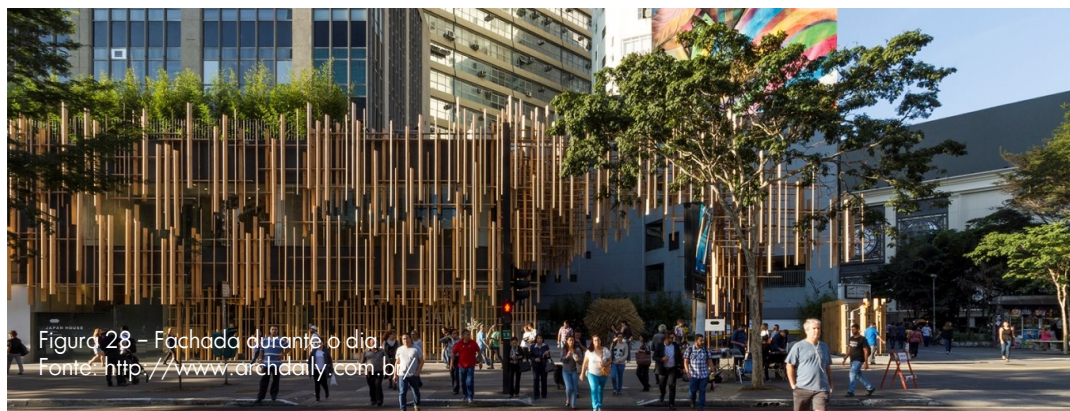


Figura 28 - Fachada durante o dia

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

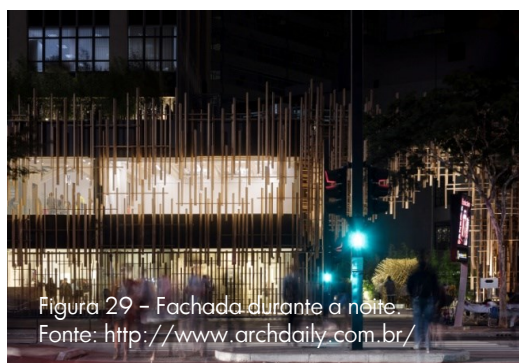


Figura 29 - Fachada durante à noite

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/>

Principais pontos do projeto:

- Simboliza a presença do Japão no Brasil.
- Valorização do bambu.
- Representações de um país oriental contemporâneo.

REFERÊNCIA PROJETUAL 2 – SUBSTRATO FÁBRICA AYASE

Projeto: Aki Hamada Arquitetos.

Ano: 2017.

Localização: Kanagawa, Japão.

Área: 290 m².

Localizado em uma zona semi-industrial, esse projeto (Figuras xx a xx) se trata de uma proposta onde fábrica e casas convivem juntas. Os dois usos apresentam programas bem distintos, mas procurando conciliar as ocupações, o resultado foi o projeto de uma edificação mais aberta utilizando estrutura de madeira, sendo que essa faz a relação entre uma fábrica e uma casa.

Porém, a partir dessa ideia, o grande desafio foi como conciliar o edifício em termos de integridade estrutural e construtiva com o seu uso, sem abrir mão do conforto. Então o programa foi configurado com a proposta de oferecer vários ambientes que seriam modificados de acordo com uso. Por isso, foram adotados painéis de correr que garantem essa possibilidade de adaptação.

O espaço no primeiro pavimento que estava destinado para ser uma oficina, ganhou também uma sala de exposição e um espaço multiuso, e todos esses ambientes podem ter relações entre si. Essa possibilidade só acontece porque têm vários elementos que se modificam de acordo com as condições, dado ao projeto o conceito de um “modelo adaptativo”.

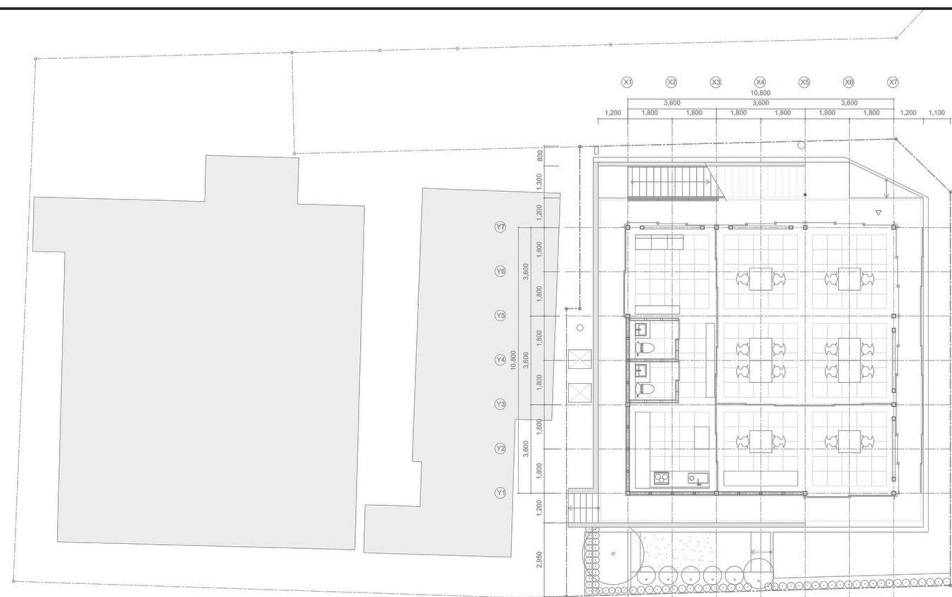


Figura 30 - Planta baixa térreo.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>

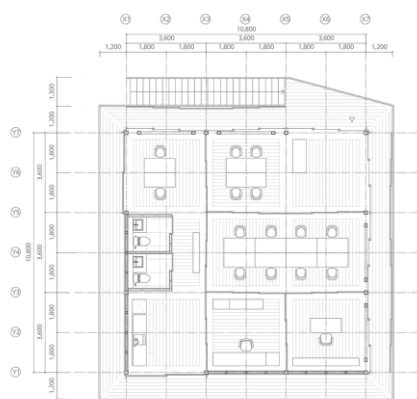


Figura 32 - Planta baixa segundo pavimento.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>



Figura 31 - Planta baixa primeiro pavimento.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>



Figura 33 – Flexibilidade dos painéis nos ambientes.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>



Figura 34 - Flexibilidade dos painéis nos ambientes.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>



Figura 35 – Flexibilidade dos painéis na fachada.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>

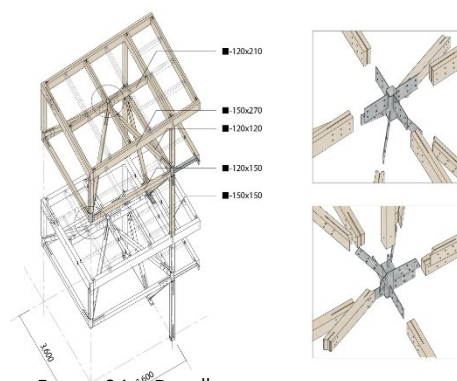
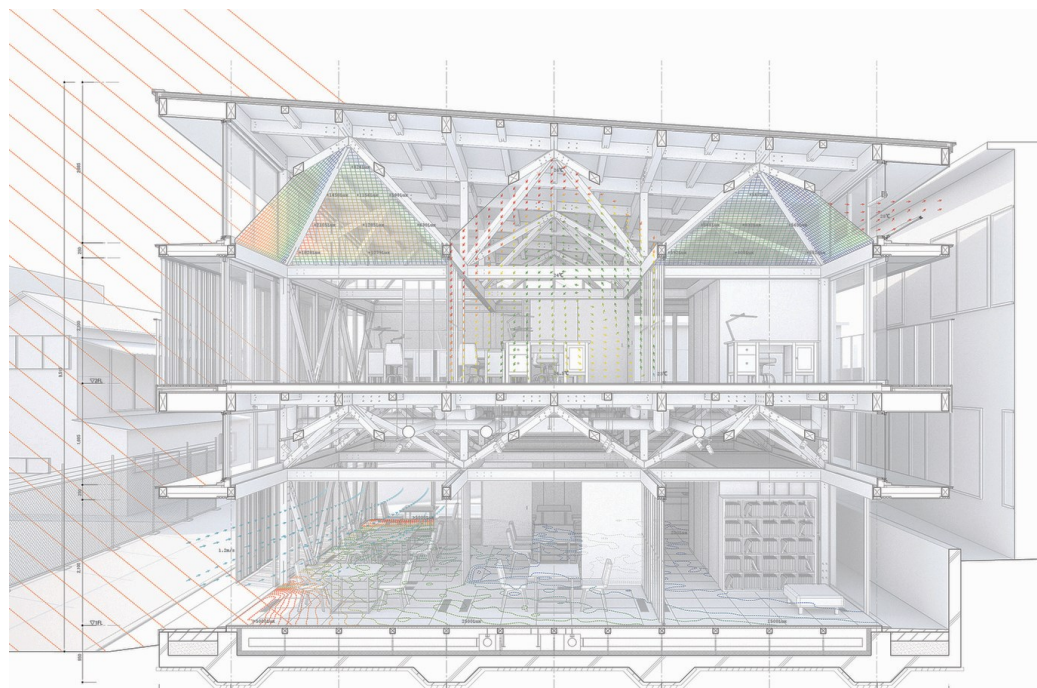


Figura 36 - Detalhes construtivos.
 Fonte: <http://www.archdaily.com.br>

Principais pontos do projeto:

- Ambientes com as medidas a partir de um módulo
- Flexibilidade e integração de espaços.
- Integração interior-exterior e com o entorno.

REFERÊNCIA PROJETUAL 3

- MUSEU DE ARTE DE ASPEN

Projeto: Shigeru Ban Arquitetos.

Ano: 2014.

Localização: Aspen, Estados Unidos.

Área: 3.065 m²

A entrada principal dá acesso à área de recepção e a duas galerias que têm no térreo e a partir disso, o visitante pode escolher os espaços que deseja ver, podendo subir para outros pavimentos através dos elevadores ou através da grande escada que tem do lado leste. Essa escada é um diferencial no projeto, já que além da passagem para os níveis superiores, ela fica entre uma parede de vidro e a estrutura interior do edifício.

Com isso, de maneira bem suave, a escada permite uma integração entre os espaços, além de destacar os efeitos que luz e sombra que o painel da fachada proporcional para o seu interior. Um outro aspecto interessante desse projeto, é a simplicidade do programa. Composto basicamente por galerias e salas para exposições, o edifício apresenta ambientes amplos e claros, que se adaptam conforme o evento.

Por fim, no último pavimento, nota-se a que a estrutura de cobertura fica aparente, evidenciando que seu sistema estrutural, mesmo sendo feito a partir de encaixes, não deixou de apresentar um bom resultado.

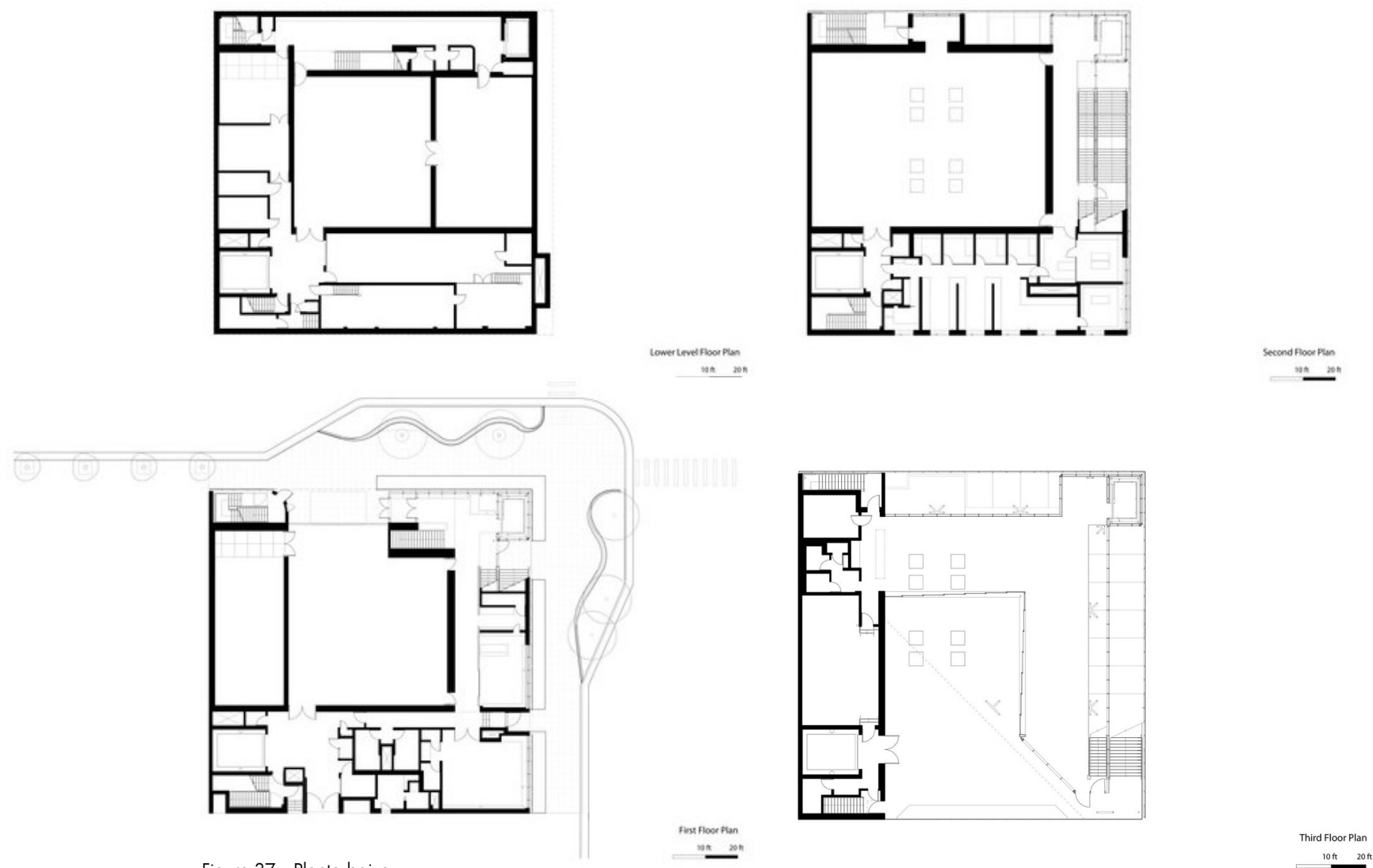


Figura 37 - Planta baixa.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>

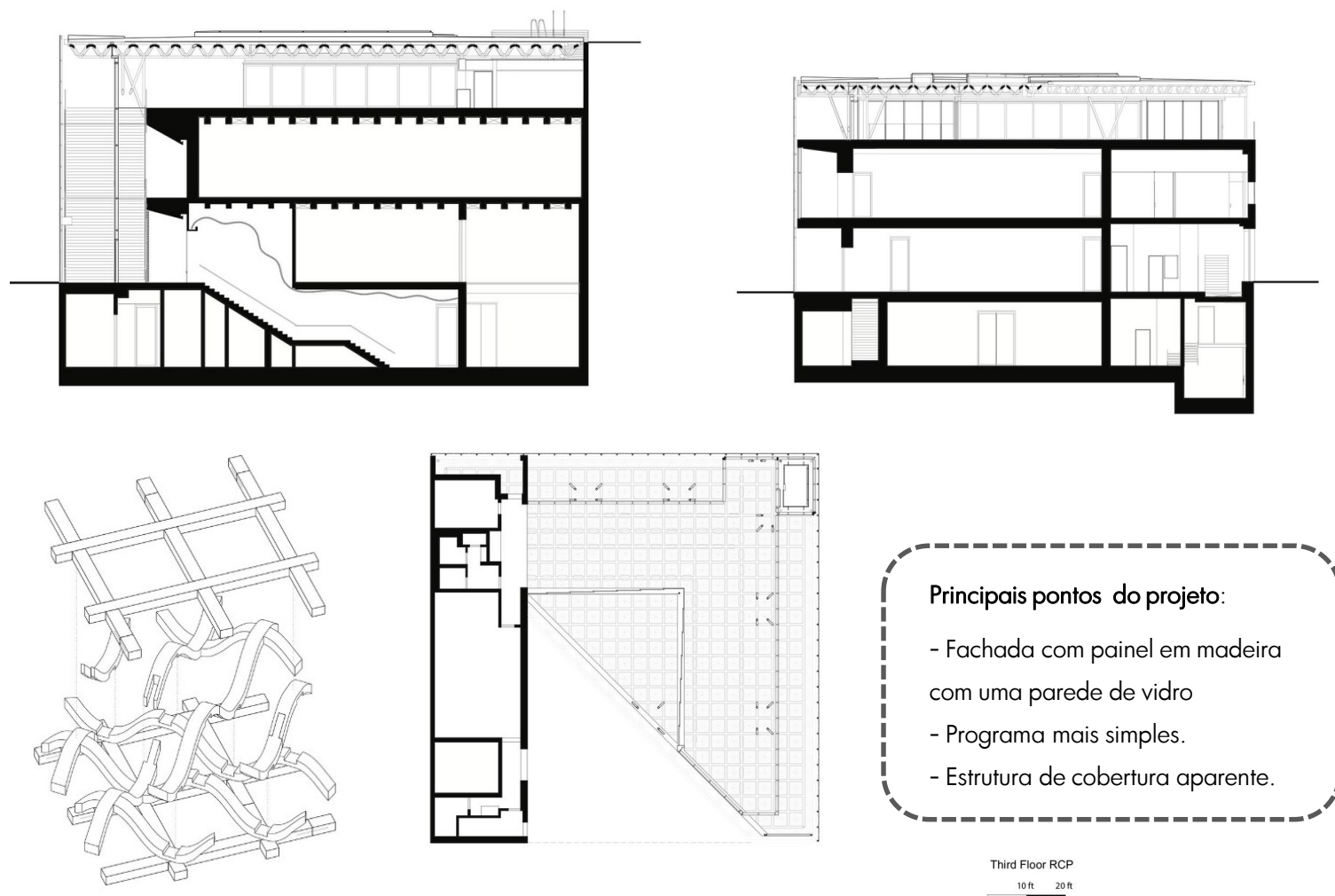


Figura 38 – Planta, cortes e detalhes construtivos.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>

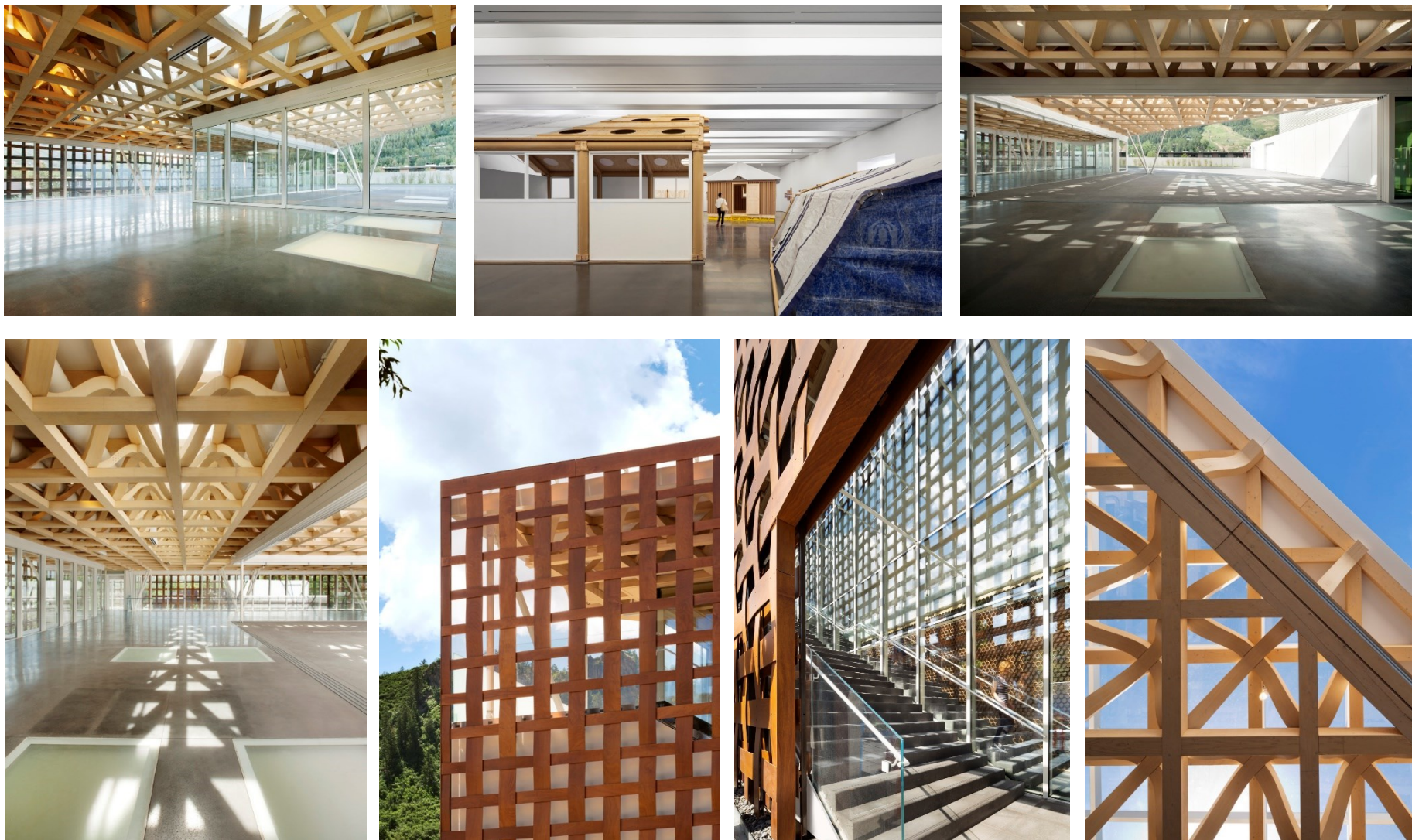


Figura 39 – Museu de Arte de Aspen.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>

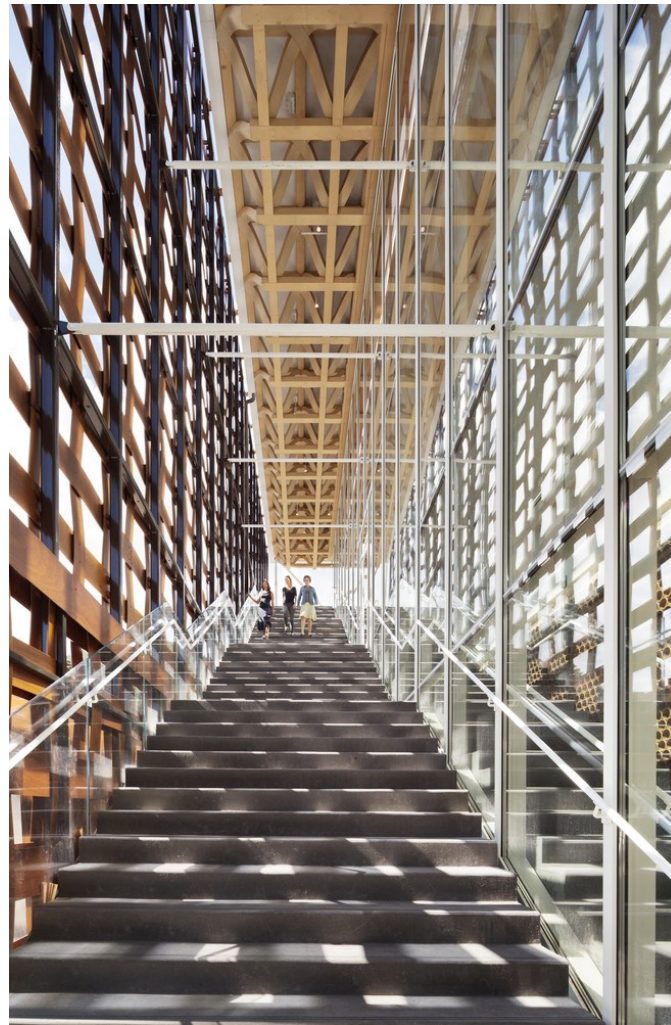


Figura 40 – Museu de Arte de Aspen.
Fonte: <http://www.archdaily.com.br>

CONCEITO

Partindo do princípio que o origami utiliza um pedaço de papel e com isso são criadas inúmeras formas, a ideia nesse projeto é adotar um material e que ele possa ser aplicado em vários pontos. Com isso, a escolha em utilizar a madeira no projeto, é reflexo dessa proposta, uma vez que esse material pode ser adotado em diversas partes da edificação, desde sua estrutura até no mobiliário.

Em relação ao programa, a proposta é que os ambientes sejam mais flexíveis e que as atividades tenham relações entre si. É importante também entender as relações que esses ambientes podem ter com as áreas externas e com a circulação. Por isso é fundamental estabelecer um diálogo de uma parte com o todo, para que de fato o edifício esteja inserido no contexto.

Por isso, o projeto partiu da proposta de criar ambientes que promovessem a criação, a discussão e a informação. Dessa forma, essas funções se relacionam com a proposta das atividades nos ambientes, sendo as oficinas os espaços de criação, as exposições como a informação e áreas de convivência e eventos promovendo encontros e discussões.



DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

Para a concepção dos ambientes, foram feitos estudos de distribuição espacial (Figura 41). No primeiro estudo, a ideia inicial, era que o edifício ficasse compacto, em um sentido norte-sul, onde o acesso principal e único seria diretamente numa área de eventos e exposições. E também procurando não privilegiar nenhum dos lados, a proposta era uma planta espelhada, que tivessem nas laterais oficinas e espaços multiusos, com a intenção de integrar isso com a parte externa do edifício.

Porém, essa configuração era muito simples e sem nenhum diferencial. Então, buscando melhorar essa distribuição o segundo estudo ainda apresentava uma planta espelhada, mas que oferecia a opção de ter dois acessos, além de começar a criar uma dinâmica no espaço. Só que a forma toda retangular parecia muito rígida para a proposta de um programa flexível e, por isso, foi feito um outro estudo.

Nesse terceiro estudo, já vem uma tentativa de romper com o edifício todo delimitado dentro da geometria de quatro lados. Com isso, procurando manter dois acessos e abandonando a planta espelhada, essa opção procurava oferecer as atividades de criação e informação concentradas no mesmo ponto. Mas, ainda assim, foi identificado que a planta estava espelhada no seu eixo da bissetriz, além de ter concentrado tudo num só ponto.

Dessa forma, buscando dividir melhor as atividades de criação e informação voltaram a ter dois espaços destinados para elas e que ambos tivessem uma relação com a área de eventos e exposições. E com isso, veio a tentativa de retirar a planta espelhada e propor organizações diferentes para cada lado. Mas como a ideia não é ter grandes corredores, para evitar isso, foi descartada a opção em adotar os ambientes em sequência, a fim de considerar a configuração em “L” como uma boa proposta.

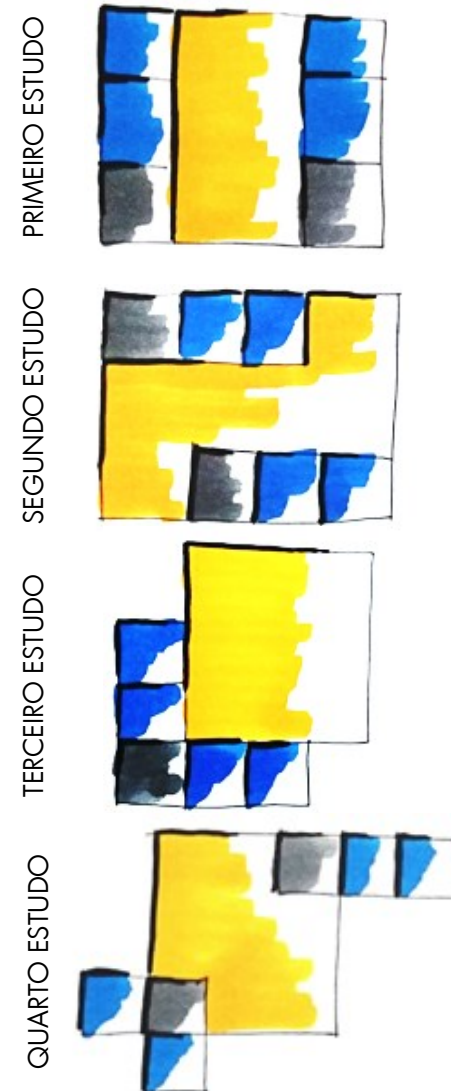


Figura 41– Estudos de distribuição espacial.
Fonte: Autora, 2017.

Então, a partir desses estudos de distribuição espacial, o resultado final (Figura 42) já apresenta uma configuração que manteve a essência da proposta inicial, mas que se adaptou com os outros princípios do projeto. Dessa forma, o resultado foi uma grande área de eventos e exposições com dois acessos que se cruzam, dando a opção de escolher qual eixo é melhor deixar aberto segundo as necessidades do evento.

Além disso, a ideia final, foi propor também espaços de exposições secundárias e que eles se tornassem os espaços de transição entre evento/acesso com as oficinas. Nota-se que a planta manteve o princípio inicial, onde era apresentado uma grande área de eventos e nas laterais tivessem os espaços para criação e informação. Outra coisa que também foi mantida na essência, foi a planta espelhada. Os ambientes tem o mesmo uso para cada lado, mas ainda assim, não é totalmente espelhada porque um dos lados acabou rotacionando.

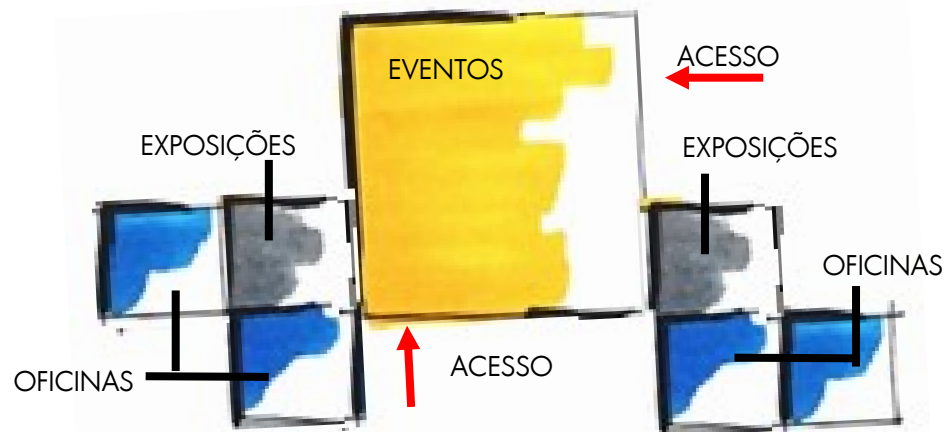


Figura 42- Estudo final da distribuição espacial.
Fonte: Autora, 2017.

PROGRAMA

TEMA	ATIVIDADE	CAPACIDADE	ÁREA
Eventos	Festivais, apresentações e eventos do centro cultural.	1000 pessoas	1300m ²
Exposições	Exposição dos trabalhos produzidos nas oficinas	50 a 100 o pessoas	325m ²
	Exposição do acervo de documentos, fotos e objetos da comunidade japonesa	50 a 100 pessoas	325m ²
Oficinas	Produção e criação de trabalhos de Ikebana e Origami	20 a 30 pessoas	150m ²
	Práticas de taikô, odori e karaokê	20 a 30 pessoas	325m ²
	Práticas de línguas	20 a 25 pessoas	150m ²
	Práticas de técnicas de relaxamento	10 pessoas	325m ²
Espaços multiuso	Espaço para estudo e leitura	10 pessoas	150m ²
	Espaço multiuso	10 pessoas	150m ²
	Auditório	50 pessoas	325m ²
Café e Restaurante	Refeições e convivência	50 pessoas	325m ²
Jardim	Contemplação da integração interior e exterior		-
Apoio para esporte	Treinamento e preparação para treinos e competições		-

IMPLANTAÇÃO

Na primeira etapa do desenvolvimento deste trabalho, a proposta final de implantação (Figura 43) previa a aberturas de vias e percursos dentro do terreno, buscando atender o uso esportivo já existente, mas que também atendesse o uso cultural. Além disso, foram propostos jardins, trabalhos com paisagismo, com a intenção de construir um diálogo dentro do quarteirão e do quarteirão com o entorno, a fim de tornar convidativo o espaço.

A ideia era que a área esportiva fosse semi pública, de forma que todos têm direito de participar das atividades mas que seu acesso fosse controlado. Já a área cultural seria pública, assim como o edifício, com o intuito de incentivar as pessoas a se apropriarem do espaço.



Figura 43- Implantação final da primeira etapa.
Fonte: Autora, 2017.

Com base nos estudos e análises da etapa anterior, essa nova fase buscou manter a setorização definida e melhorar a implantação do edifício (Figura 44). A região próxima a esquina das vias tem um potencial para ser a localização do centro cultural, assim como a criação de novas vias que dessem acesso ao interior do terreno.

Então, a partir disso e com a definição do contorno do edifício, a ideia inicial era não privilegiar o acesso de nenhuma das vias, propondo a uma implantação perpendicular a bissetriz da angulação da esquina, além da criação de uma praça que fosse a conexão entre esporte e cultura.

Porém, nesse estudo, foi identificado delimitações muito rígidas que tiravam a flexibilidade do espaço, por isso foi estabelecido que o edifício ficaria em paralelo com a via, além de melhorar a proposta da praça de integração.

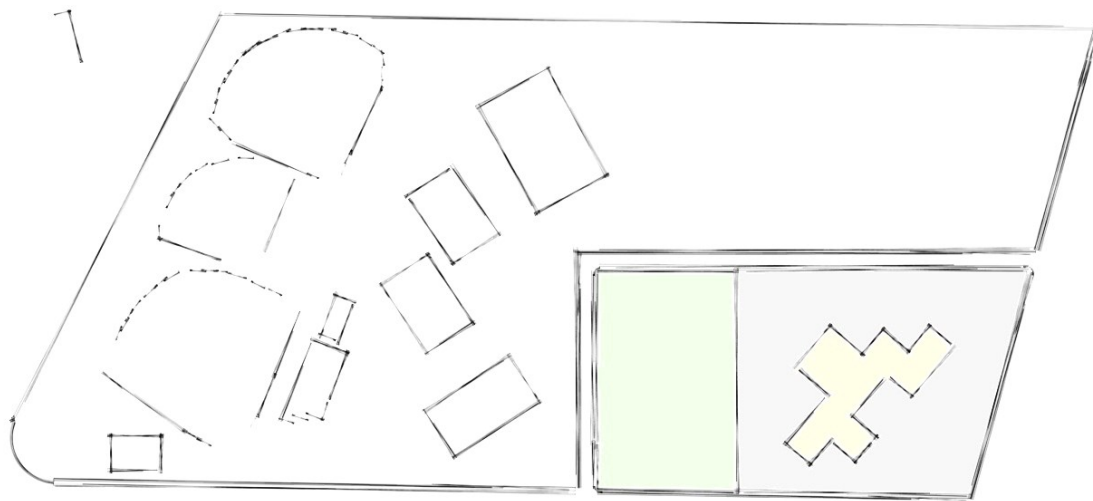
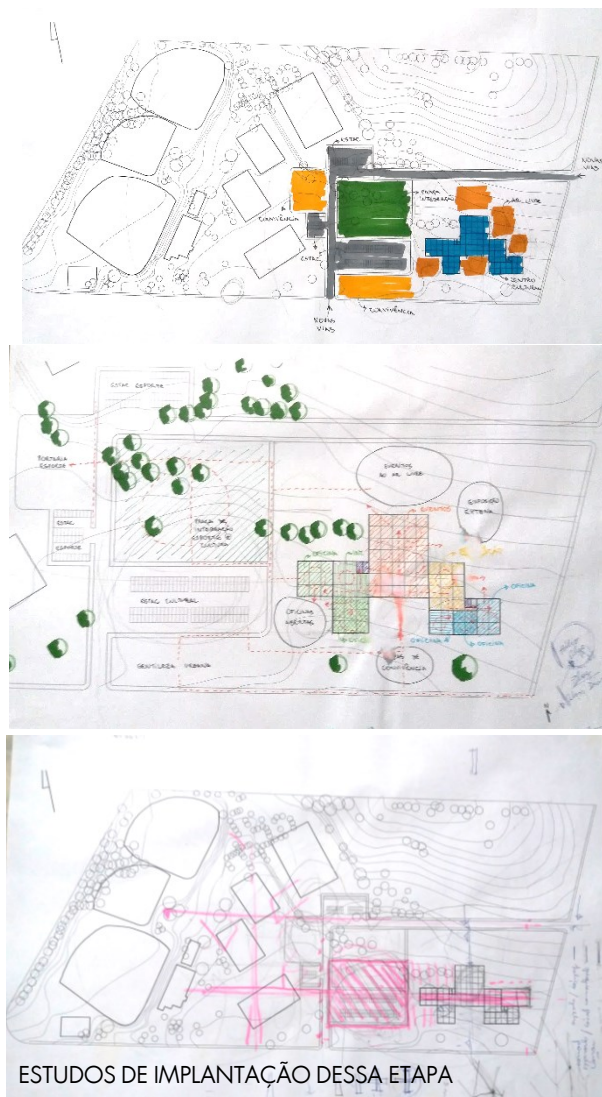


Figura 44- Primeiro estudo de implantação.
Fonte: Autora, 2017.



ESTUDO DE IMPLANTAÇÃO DESSA ÉTAPA



Então buscando melhorar a rigidez das novas vias e a orientação do edifício, veio a proposta da criação de bolsões de estacionamento, além de concentrar essa praça de integração na esquina das novas vias e próxima a entrada de uma possível portaria para a área de esportes (Figura 45). Já o edifício ficaria paralelo a avenida José Campos Amaral, com um recuo maior das vias, a fim de garantir uma contemplação maior do edifício.

Entretanto, ainda assim, o desenho estava muito rígido e foi identificado que não tinha necessidade de delimitar tanto essa praça, que ela poderia ter um contorno mais orgânico e que pudesse inclusive, acompanhar o eixo do edifício, seguindo o paralelismo da edificação. Portanto, foram feitos novos estudos buscando melhorar esse desenho, a fim de realmente construir uma integração entre o esporte e a cultura.

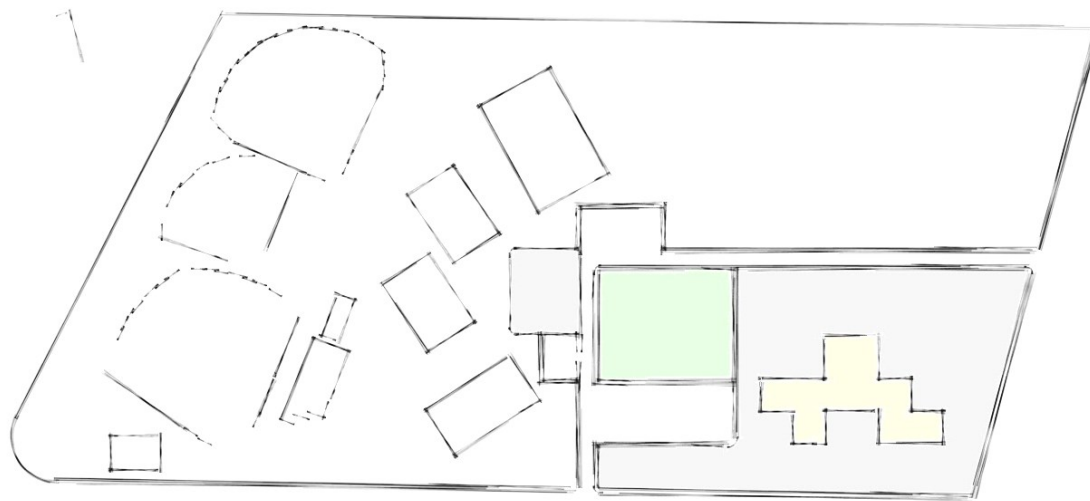


Figura 45– Segundo estudo de implantação.
Fonte: Autora, 2017.

Buscando melhorar o desenho da paginação do piso da praça, nesse terceiro estudo de implantação (Figura 46), os contornos já aparecem mais suaves, acompanhando a edificação e a praça, que antes estava separada e tinha um espaço delimitado só para ela, agora faz parte do pedaço que também inclui o centro cultural.

Entretanto, ainda era nítido o quanto as novas vias estavam separando os dois usos e que ainda não tinha a integração proposta entre cultura e esporte. Além disso, notava-se também que tinham duas linguagens de eixos distintas entre a área que era da cultura com a área que era do esporte. Por isso, procurando adotar a mesma linguagem para os dois espaços, a ideia era estender esse desenho da paginação do piso também para a área destinada para o esporte.

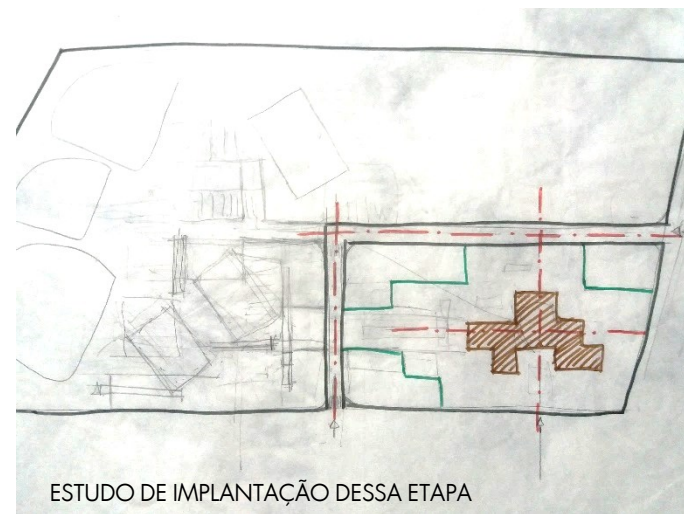


Figura 46- Terceiro estudo de implantação.
Fonte: Autora, 2017.

Nesse estudo final de implantação (Figura 47), a proposta da paginação de piso que acompanha os eixos da edificação demonstra que as vias criadas ficaram inseridas discretamente dentro do terreno, além de integrar o esporte com a cultura. Nessa proposta, foi necessário a realocação dos campos de futebol assim como a quadra, para que acompanhassem o desenho do piso.

Nessa etapa, também ficou definido que os pisos e a edificação teriam suas medidas a partir de módulos 6x6 metros. Ou seja, foi estruturada uma malha quadriculada, a fim de estabelecer essa modulação e garantir que a medidas sejam múltiplas desse valor. A escolha em adotar o módulo faz parte de um conceito da arquitetura japonesa, além de refletir princípios de origami que são elaborados a partir de uma peça.

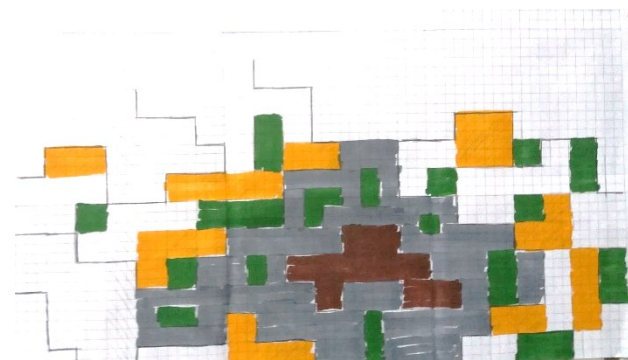


Figura 47 – Primeiro estudo de implantação.
Fonte: Autora, 2017.

PROJETO

A partir do desenho da implantação (Figura 48), a planta baixa do centro cultural começou a se desenvolver, uma vez que a divisão dos seus espaços internos, assim como seus acessos iriam influenciar em alguns aspectos desse desenho. Dessa forma, com base na definição do modelo de distribuição espacial adotado, foram feitos os primeiros croquis (Figura 49 e 50) a fim de determinar como seria esse espaço, assim como sua estrutura, vedação e acabamento.

Dessa forma, foram adotados dois acessos principais, que entram diretamente na área de exposições e eventos e que a partir disso, podem circular para outros ambientes do centro cultural. Além disso, a estrutura do edifício é madeira laminada calçada, onde no projeto, adotei para a cobertura estrutural da minha área de eventos e serviços.

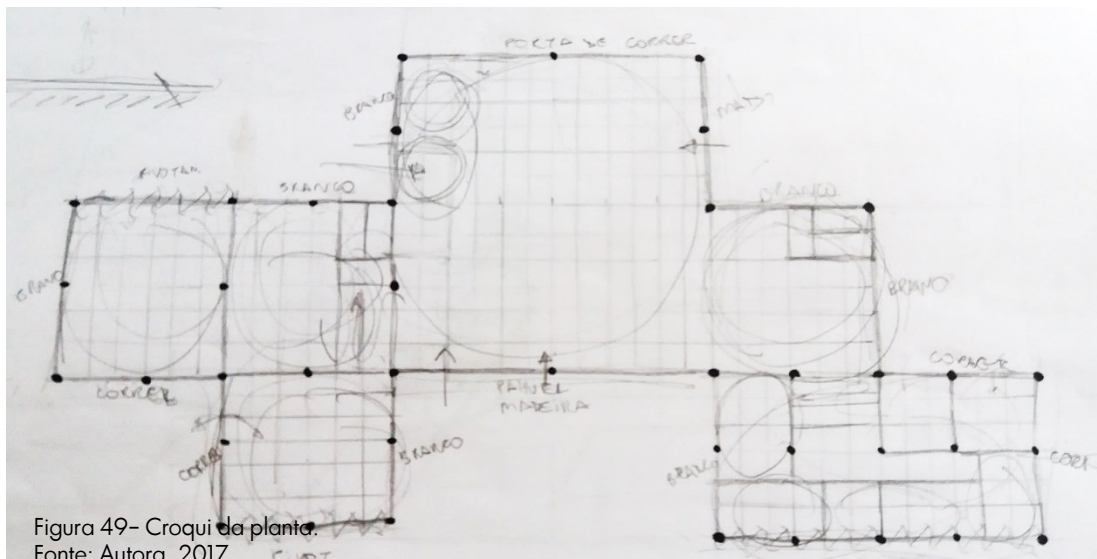


Figura 49- Croqui da planta.
Fonte: Autora, 2017.

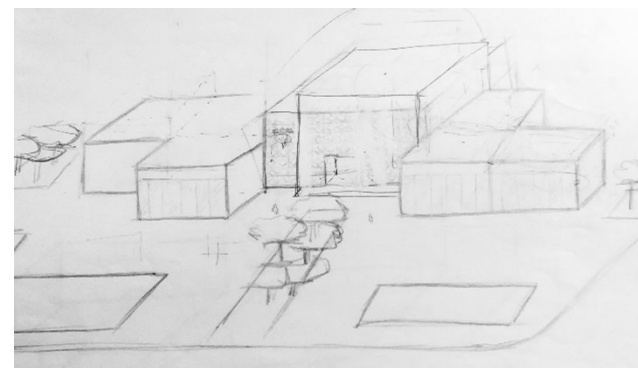
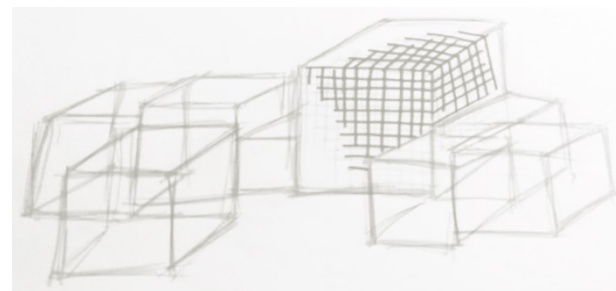


Figura 50- Croquis de perspectivas.
Fonte: Autora, 2017.

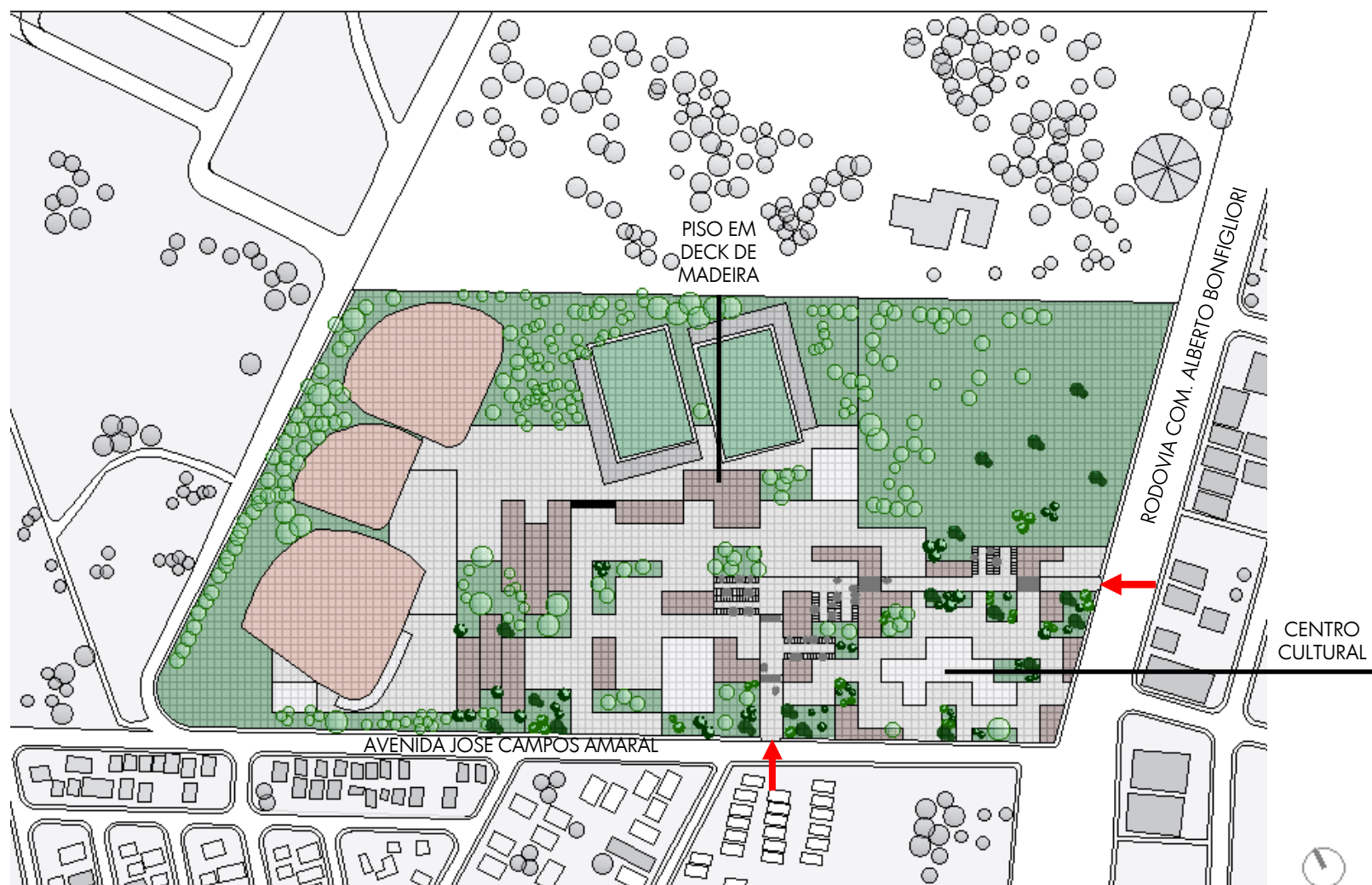


Figura 48- implantação.
Fonte: Autora, 2017.

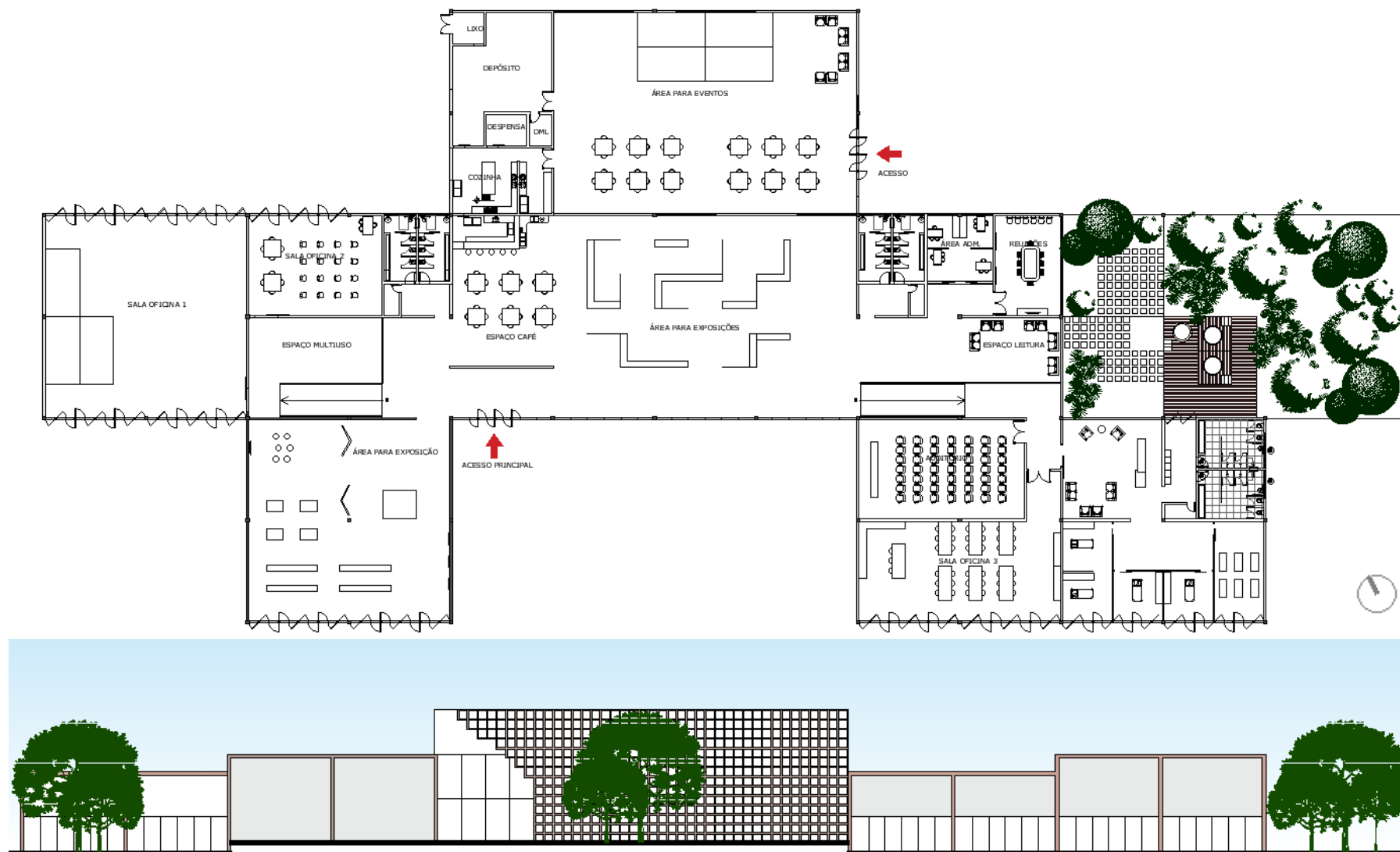


Figura 52 – Planta baixa e fachada principal.
Fonte: Autora, 2017.

PROPOSTAS DE OUTROS LAYOUTS

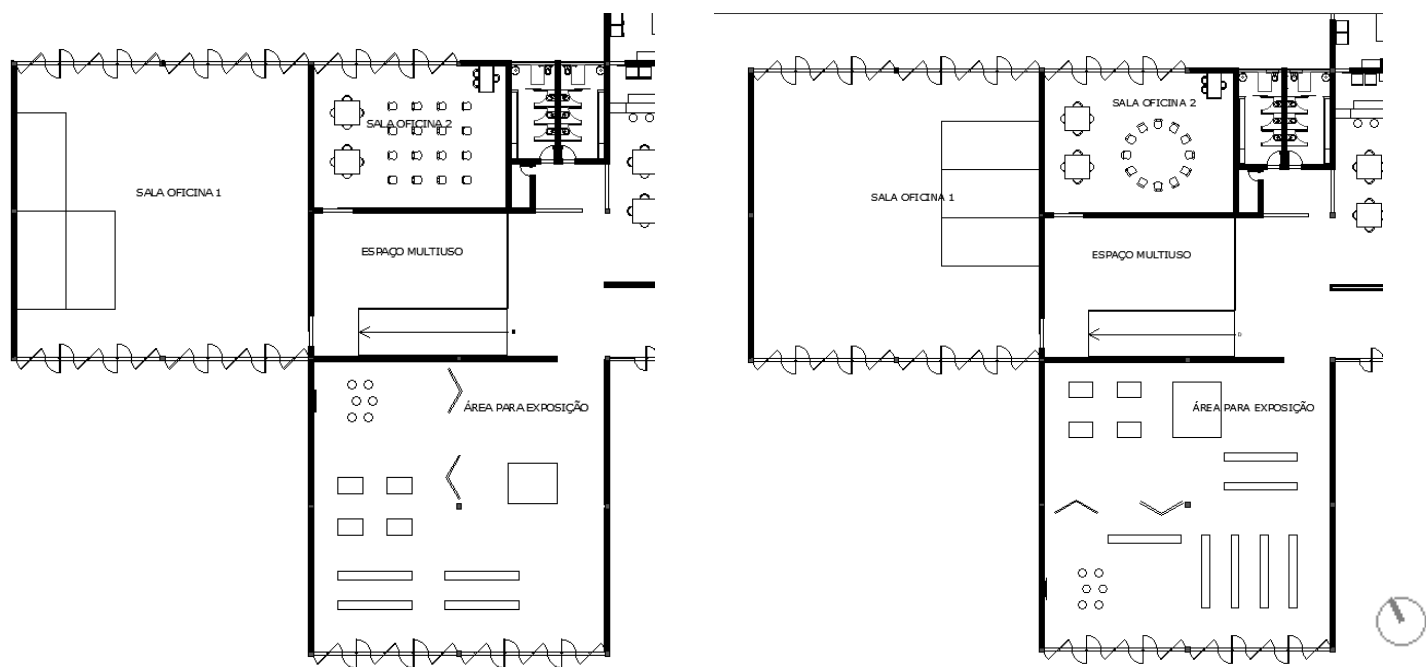


Figura 53 – Planta baixa da parte oeste do edifício.
Fonte: Autora, 2017.

PROPOSTAS DE OUTROS LAYOUTS

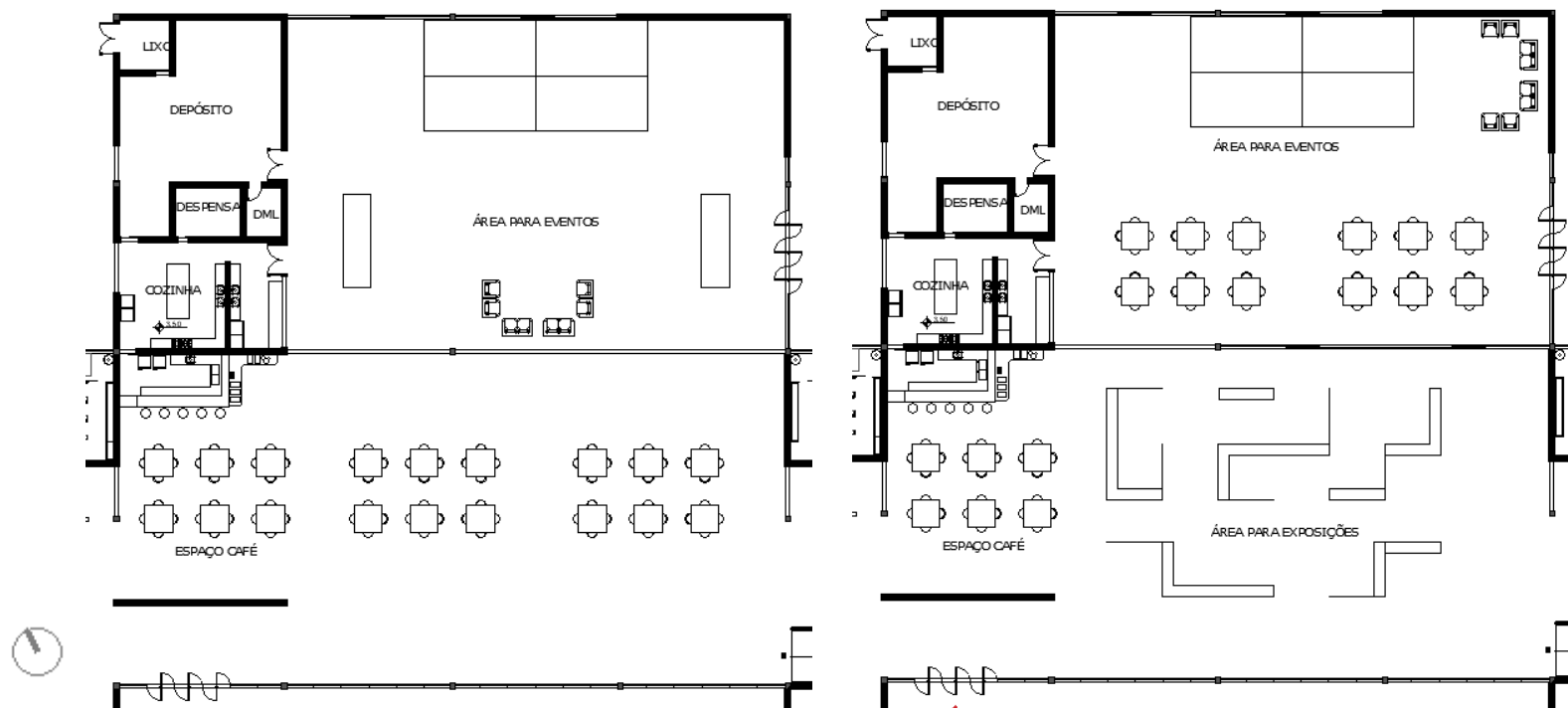


Figura 54 - Planta baixa da parte central do edifício.
Fonte: Autora, 2017.

PROPOSTAS DE OUTROS LAYOUTS

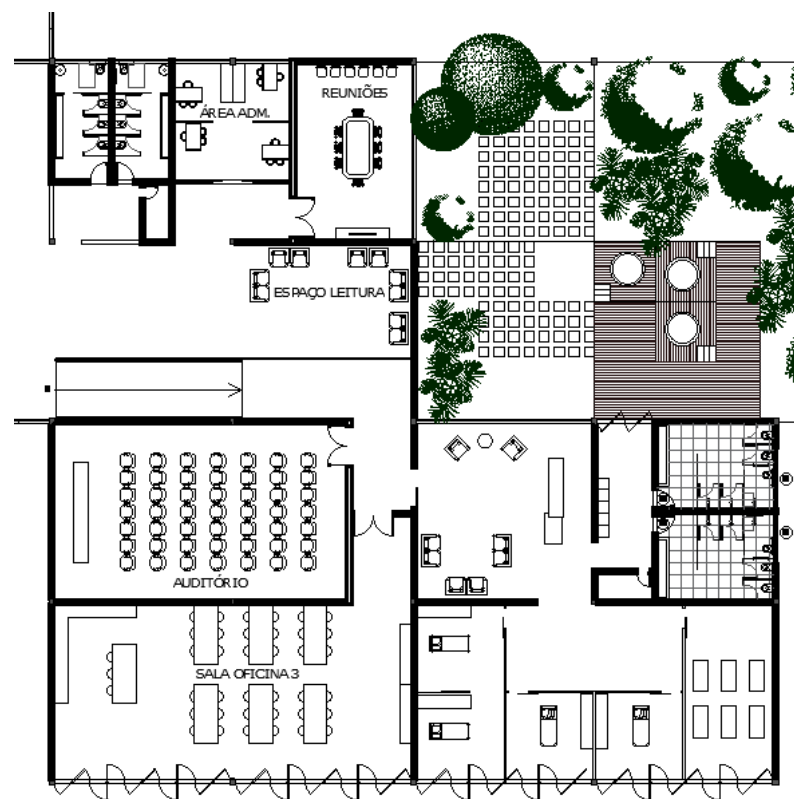
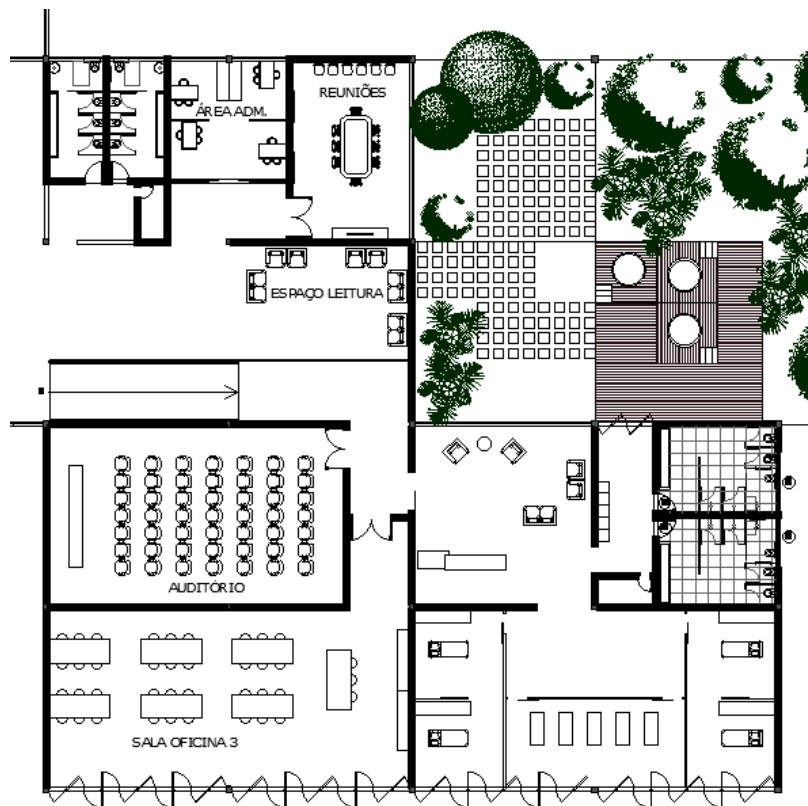


Figura 55 – Planta baixa da parte leste do edifício.
Fonte: Autora, 2017.

ASPECTOS CONSTRUTIVOS DO EDIFÍCIO

Toda a estrutura da edificação (Figura 56) foi projetada considerando a utilização de madeira. Os pilares também foram dispostos de acordo com a modulação e ficam aparentes na fachada. Já as vigas de madeira tem a sua altura considerado 10% do vão e há também uma estruturação de cobertura para suportar a laje e o telhado.

Para as vedações e para as lajes, foi adotado o painel wall (Figura 57) que consiste num contraplacado de placas cimentícias com o miolo preenchido de madeira laminada. É sistema de rápida execução, que pode ser aplicado em paredes com instalações elétricas e hidráulicas, além de fechamentos externos e nas lajes. Além disso, diversos acabamentos podem ser adotados, como tintas e revestimentos.

Um grande destaque para esse projeto é a estrutura em grelha para a cobertura da área central de eventos, assim como os painéis quadriculados em madeira nas fachadas de acesso. Essa estrutura da cobertura funciona como uma sequências de vigas em um sentido que se apoiam em vigas mestras e o seu travamento vem com esses módulos que são dispostos no outro sentido, configurando o formato de uma grelha. Já esse painel da fachada, tem pilares que são engastados no chão e nas vigas, além de contar com um suporte nos caixilhos da esquadria da parede de vidro.

Por fim, os reservatórios de água foram posicionados em cima dos ambientes da cozinha e do depósito, uma vez que eles não precisam de um pé direito alto e estão locados na área central onde a estrutura da cobertura está com um pé direito triplo.

Os desenhos completos e mais informações do projeto, estão nas pranchas dentro do envelope em anexo com esse caderno.



Figura 57 – Painel wall.
Fonte: Eternit.

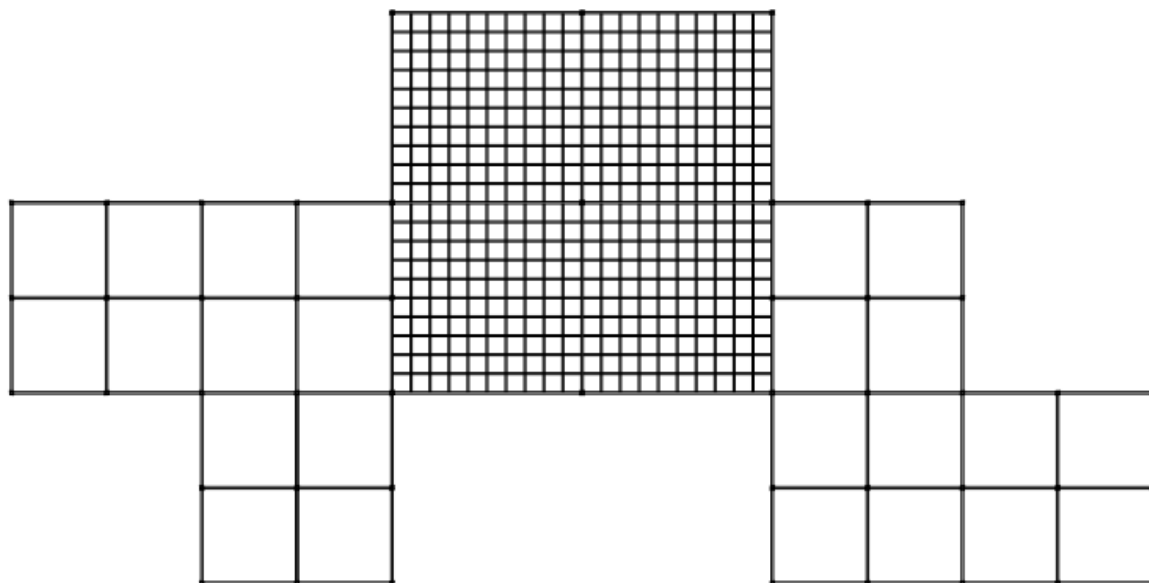


Figura 56 - Esquema do esqueleto estrutural do edifício.
Fonte: Autora, 2017.

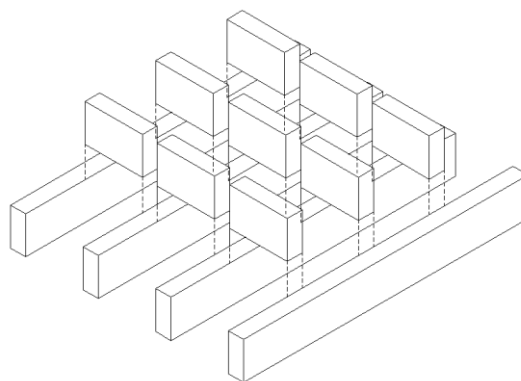
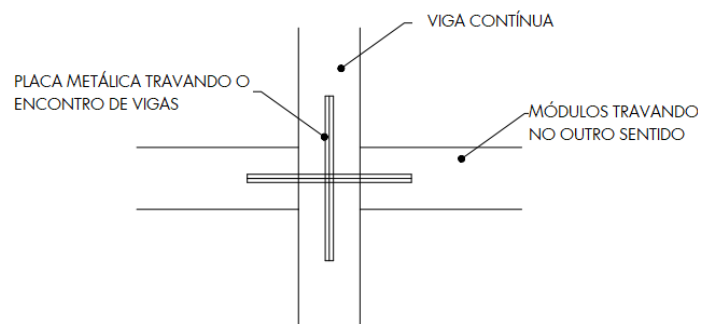
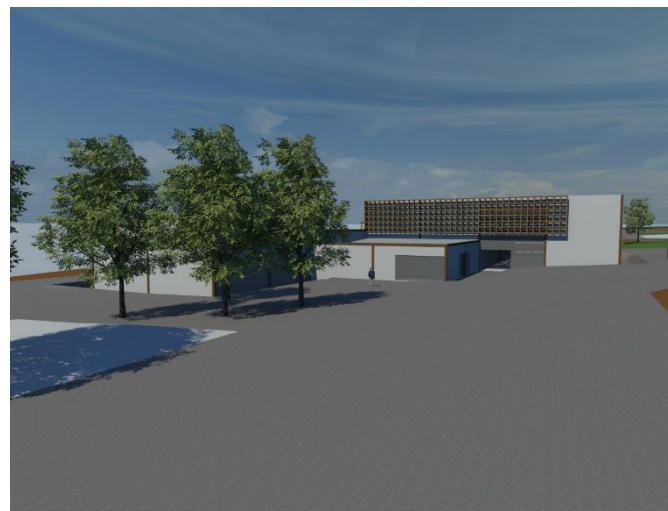


Figura 58 - Esquema do travando das vigas da grelha.
Fonte: Autora, 2017.

PERSPECTIVAS EXTERNAS



PERSPECTIVAS INTERNAS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desse trabalho, algumas questões inesperadas surgiram e que precisaram ser incorporadas ao conteúdo. O fato da associação existente em Presidente Prudente ter o beisebol como um elemento estruturador e apresentar a sua área no clube de campo focada nas suas atividades, se tornou um desafio integrar esporte, cultura e lazer num mesmo lugar.

O trabalho na sua primeira etapa apresentava uma implantação pouco resolvida e que precisou de mais referências para o seu desenvolvimento. Dessa forma, ocorreram novas visitas ao local e entrevistas com pessoas que frequentam e administram o espaço, a fim de entender quais são as reais necessidades e de que maneira isso poderia ser bem estruturado. Além disso, nessa segunda etapa do trabalho, visitas em locais que têm esse caráter, como museus e centro cultural em outra cidade também permitiu enriquecer a vivência do espaço e entender como funciona a dinâmica dos ambientes.

Com isso, este trabalho buscou aplicar no projeto as experiências vividas, as entrevistas coletadas e a essência do absorveu com referências projetuais. Foram necessários muitos estudos de implantação e desenvolvimento das soluções arquitetônicas. Porém apesar do cronograma com prazos curtos, a proposta de projeto buscou apresentar o melhor resultado dentro desse período de desenvolvimento deste trabalho.

As propostas aqui apresentadas estão abertas a discussões, sendo válida a troca de opiniões. Por isso, considerações, sugestões e questionamentos ajudarão a esclarecer melhor questões referentes ao projeto e auxiliarão na formação e construção da autora como um boa profissional na sua área de atuação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, D. S. Formação histórica de uma cidade pioneira paulista : Presidente Prudente. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.

ABREU, D. S. Recortes . Presidente Prudente. Impresso, 1997

BORTOLO, Carlos Alexandre. O Espaço Público do Parque do Povo - Presidente Prudente-SP: Reflexões Geográficas. Revista Geografia em Atos. Presidente Prudente, 2013.

CAMARGO, Carlos Eduardo Secchi. Qualidade Ambiental Urbana em Presidente Prudente-SP . Presidente Prudente, 2007.

CRAVO, A.C. JUNIOR, H. G. A. Imigração japonesa no Rio Grande do Sul: Resgate da memória Nikkei no centro do estado. Anais do IV SIMP: Memória, patrimônio e tradição.

CULTURA JAPONESA. Disponível em:

<<http://www.culturajaponesa.com.br>> Acessado 03 de junho de 2017.

HALL, S. Identidade Cultural e Diáspora. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-25, 2008.

IMIGRAÇÃO JAPONESA. Disponível em:

<<http://www.imigracaojaponesa.com.br/>> Acessado 29 de maio de 2017.

LISBOA, K. M. Olhares alemães sobre a imigração no Brasil: imperialismo, identidade nacional e germanismo. In: Revista Espaço Plural, Ano IX, Nº 19, 2º Semestre, 2008.

NIKKEI FEST. Disponível em:

<<http://www.nikkeifest.com.br/>> Acessado em 03 de julho de 2017.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212. 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. Disponível em:

<<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br/site/index.xhtml>> Acessado em: 23 de abril de 2017.

QUARESMA, M. R. Educação e processo de aculturação nas colônias japonesas do Brasil. Rio de Janeiro, 2002.

SANTOS, T. S. Uma arquitetura de memória – Museu e Arquivo Histórico Municipal de Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2015.

SHICASHO, E. T. A saga dos imigrantes japoneses em Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2013.

SOUSA, A. A. A territorialização dos imigrantes japoneses na Alta Sorocabana. Revista Formação, n.14, vol. 2, p.119-129. 2007.

SUA PESQUISA. Disponível em:

<<http://www.suapesquisa.com/historia/imigracao/>> Acessado em 15 de maio de 2017.
